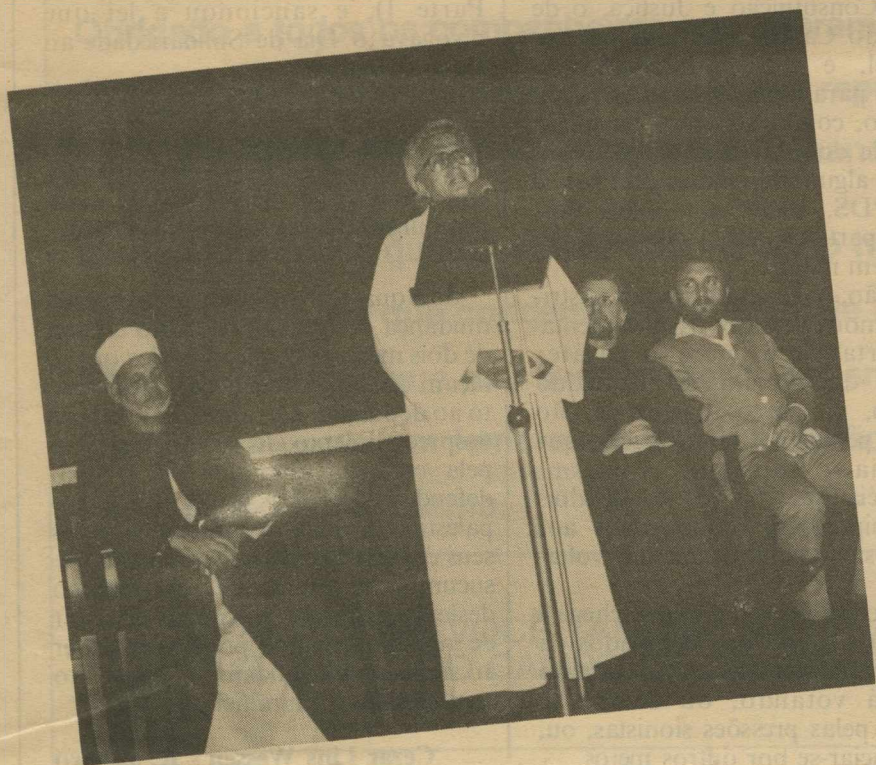


JERUSALEM

SÃO PAULO ANO I - Nº 19 - SETEMBRO 1983 - SEGUNDA QUINZENA

Cr\$ 200,00

Ato Ecumênico



LANÇADA A CAMPANHA PELO FIM DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE ANSAR

SIONISTAS E TURCOS CHACINAM ARMÊNIOS

NICARÁGUA, CHILE, AVIÃO SUL-COREANO: A OUTRA VERSÃO

A Favor da Vida

Celso Furtado, Sindicato dos Bancários, Assembleia Legislativa do Paraná, Luís Eduardo Greenhalg, Gilmar Linhares, Maurício Fruet, Neiva Moreira, Federação das Mulheres Paulistas, UEE Alagoas, Wladimir Righetto, Edson Simões, Amélia de Almeida Hruschka, Sindicato dos Marceneiros, Frente de Mulheres Feministas.

TERROR NO LÍBANO



VAMOS BRINCAR DE DEPUTADO?

Sr. Editor:

Fatos muito estranhos ocorreram na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, atingindo a própria credibilidade daquela Casa, resultando em grave ofensa aos imigrantes árabes, e, em particular, aos palestinos.

Tudo começou quando o deputado Alexandre Farah (PDT), que sempre manifestou sua oposição ao sionismo e a todas as outras doutrinas que pregam a discriminação racial, pretendeu apresentar projeto de lei instituindo o Dia de Solidariedade ao Povo Palestino. A data deveria coincidir com a do massacre da Sabra e Chatila, que em verdade foi levado a efeito durante três dias, de 17 a 19 de setembro de 1982. O porquê da escolha da data foi deixado bem claro na justificativa do projeto, onde consta: "O dia que ora se propõe para exprimir a solidariedade do povo fluminense ao povo palestino é o do aniversário dos bárbaros massacres dos campos de refugiados de Sabra e Chatila, no Líbano, que fez tremer de indignação a opinião pública internacional".

Por erro de datilografia, a data que o deputado pretendia fosse 18 de setembro foi consignada como 12, aniversário de outro evento que resultou na morte dos atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique, episódio estranho à Resistência Palestina, já que protagonizado pelo grupo dissidente "Setembro Negro", sem qualquer vinculação com a OLP.

O erro datilográfico passou despercebido, o projeto foi votado com a data do dia 12, aprovado por unanimi-

dade, encaminhado à sanção do governador Brizola e transformado na Lei nº 661, de 23/05/83. Tal erro, por si só, era pouco relevante, já que a fundamentação do projeto não deixava dúvidas de que o referencial eram os acontecimentos de Sabra e Chatila, e não os de Munique.

Os líderes sionistas, entretanto, correram ao governador Brizola, alegando "provocação", ou seja, que pretender-se-ia comemorar a data justamente no aniversário da morte dos atletas israelenses, com o propósito de se espezinhar "aos judeus".

Ao mesmo tempo, dirigentes da Federação Israelita, o próprio cônsul de Israel e o sr. Bloch, proprietário de extensa cadeia de imprensa, percorriam os gabinetes dos deputados, pressionando de todas as formas para que a lei fosse revogada.

Visando corrigir o equívoco de datas, e tirar dos sionistas o pretexto de que se utilizavam, Alexandre Farah apresentou novo projeto (nº 125/83), transferindo a comemoração para 18 de setembro, historicamente correta. Não poderiam, assim, os sionistas impressionar os menos avisados com o argumento de "provocação".

Não obstante o deputado Romualdo Carrasco apresentou o projeto de lei nº 129/83, simplesmente revogando a Lei nº 661. Pelo artigo 126 do Regimento Interno da ALERJ, ambos os projetos deveriam ser anexados e decididos em conjunto, por se tratar de matérias correlatas: um mandava comemorar a data em 18 de setembro, e o outro que não fosse comemorada em ocasião alguma.

Para impedir a anexação, o deputado Carrasco pediu "regime de urgência" para o seu projeto. O Regimento não o permitia, já que a "urgência" só é admitida, conforme dispõe seu artigo 161, "em virtude do interesse público relevante". Ora, como a simples comemoração de uma data pode ser havida como de "interesse público relevante"? Apesar disso, o presidente da Assembléia, deputado Paulo Ribeiro (PDT), estranhamente deferiu o pedido de urgência, e, em cerca de duas semanas, enquanto o projeto de Alexandre Farah "mofava" na Comissão de Constituição e Justiça, o de Romualdo Carrasco obtinha parecer favorável, e era encaminhado ao plenário para votação, onde acabou aprovado, contra os votos da quase totalidade do PDT, da totalidade do PT, e de alguns deputados do PMDB e do PDS, sendo que estes dois últimos partidos, junto com o PTB, constituem maioria.

Em vão, Alexandre Farah distribuiu memorial a todos os parlamentares, alertando-os para o caráter ofensivo do projeto do deputado Carrasco, já que os palestinos não haviam pedido a homenagem que pretendia-se suprimir. A mesma Assembléia que, há menos de dois meses, hipotecara solidariedade aos palestinos, "inexplicavelmente" volta atrás!

A conclusão óbvia a que se chega é que ou a maioria dos deputados da ALERJ vota as matérias sem saber o que está votando, ou deixou-se subjugar pelas pressões sionistas, ou, ainda, aliciar-se por outros meios.

Conforme publicação de vários jornais do Rio de Janeiro, o governador Leonel Brizola recebeu diversas críticas e pressões do sionismo por ter sancionado o projeto do deputado Farah. Comenta-se, inclusive, que chegou a receber telegrama de Israel, em nome de Simon Peres, cobrando satisfações sobre a Lei 661, haja visto que ambos são membros da Internacional Socialista. E hoje, como se vê, Brizola cedeu ao **apartheid** israelense, surpreendentemente em um espaço de quatro dias úteis (vide Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, nº 169, Parte I), e sancionou a lei que revogava o Dia de Solidariedade ao Povo Palestino.

Poderia, no entanto, ter sido mais coerente, deixando de sancioná-la, onde automaticamente, em um espaço de 15 dias, seria promulgada pela Assembléia Legislativa.

Seja qual for o motivo de tão brusca mudança de opinião no curto espaço de dois meses, é de plena justiça que se façam dois registros: de agradecimento ao deputado Alexandre Farah, pelo despreendimento de sua iniciativa, e pela coragem com que até o final defendeu a nobre causa do povo palestino, extensivo também àqueles seus colegas que o apoiaram na luta e sucumbiram diante de um inimigo desleal e poderoso; o segundo deve ser de repúdio aos que preferiram ceder ao sionismo e trouxeram o descrédito ao Legislativo Fluminense.

Cezar Lins Wessen - R. Janeiro

Sr. Editor:

Gostaria de receber o Jornal **Jerusalém** editado por Vossa Senhoria, que achei de grande importância.

Sou estudante de Pós-Graduação em Ciência Política da PUC-SP.

Agradecendo a gentileza de V.S., subscrevo-me Cordialmente

Olavo A. Câmara Mogi das Cruzes-SP

JERUSALEM

Conselho Editorial

Abdul Karim A. Nassif, Ahmad Abou Nassif, Aldegonda Granja B., Ali Majzoub, Georges Latif Bourdokan, Hussein Said Mourad, Mamud Mourad, Mohamad Mourad.

Editor Responsável:

Georges Latif Bourdokan

Jurídico:

Dr. Mohamad Mourad

Publicidade:

A. A. Nassif, Mamud Mourad, Nazem Orra, Smaili Smaili, Atef Fatah.

Produção Gráfica:

Aldegonda Granja B.

Tradução:

Lemeh Smaili

Fotos:

Ag. Estado, UPI, AP, Wafa, Ash - Shiraa, Jana, Sana, Mena.

Redação e Publicidade:

Rua Prof. Aprígio Gonzaga, 148 — CEP 04303 — C.P.42637 - São Paulo - Tel.: 579-0486 (011)

Composição e Impressão:

Cia. Editora Joruês - Rua Arthur de Azevedo, 1977 e Rua Gastão da Cunha, 49 - SP.

Sr. Editor:

O Diretório Acadêmico "3 de Maio", da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bebedouro, vem através desta manifestar seu apoio à luta dos povos palestino e libanês.

A fim de intensificar nosso apoio, gostaríamos de receber materiais e outras informações a respeito do assunto.

Sidnei Dalmo Rodrigues Presidente Bebedouro-SP

Sr. Editor:

Gostaria de expressar-lhe o meu apreço pela iniciativa do jornal **Jerusalém** de realizar este Ato Ecumênico em memória das vítimas árabes do massacre de Chatila, e ao mesmo tempo comunicar-lhe que sinto muito não me ser possível atender a esta solenidade, tendo em vista que a Missão da Liga dos

Estados Arabes está preparando uma programação para a ocasião.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa., os protestos de estima e consideração.

Atenciosamente
Zouheir Mourabet
Embaixador da República Árabe da Síria - Brasília

TELEGRAMAS

RENOVO MINHA SOLIDARIEDADE ÀS VÍTIMAS DA GUERRA DO LIBANO, NO MOMENTO EM QUE NOS CUMPRE REVERENCIAR A MEMÓRIA DE SABRA E CHATILA. A CAUSA PALESTINA NOS MERECE TODO DESVELO IMPÕEM A TODAS AS CONSCIÊNCIAS LIVRES, MILITÂNCIA INTEGRAL.. DEPUTADO ESTADUAL MAURO BRAGATO.

IMPOSSIBILITADA REPRESENTAÇÃO CERIMÔNIA 17.09.83 VOTO LOUVOR DIRETORIA SOCIEDADE BENEFICENTE MÃO BRANCA.

IMPOSSIBILITADO COMPARECER ATO ECUMÊNICO EM MEMÓRIA DAS VÍTIMAS DA GUERRA DO LÍBANO POR MOTIVO DE VIAGEM ANTERIORMENTE ASSUMIDA. CUMPRIMENTO-OS PELA INICIATIVA E AUGURO SUCESSO AO EVENTO. ATENCIOSAMENTE DEPUTADO ESTADUAL LUIZ FURLAN.

IMPOSSIBILITADO DE ATENDER AO HONROSO CONVITE PARA O ATO ECUMÊNICO EM MEMÓRIA DAS VÍTIMAS ÁRABES DOS MASSACRES PRATICADOS PELOS SOLDADOS DE ISRAEL NO LÍBANO, QUE SE REALIZARÁ NA CATEDRAL DA SÉ. ÀS 1600 HS DO DIA 17 DE SETEMBRO, PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE SABRA E CHATILA, EM VIRTUDE DE CIRCUNSTÂNCIAS ADVERSAS À REALIZAÇÃO DE NOSSA VIAGEM NO MOMENTO BEM COMO POR COMPROMISSOS OFICIAIS ANTERIORMENTE ASSUMIDOS. APRESENTO SENTIDAS DESCULPAS. ABDULLAH HABABI - EMBAIXADOR DO REINO DA ARÁBIA SAUDITA.

ERRATA: Na edição anterior (nº 18), na matéria "O Avião Coreano, Sem Histerismo", o ano correto da derrubada do avião líbio pelos israelenses é 1973, e não 1967 como saiu publicado.

Leia, assine, anuncie e divulgue Jerusalém

Se você gostou do jornal, mande sua assinatura, apoiando nosso trabalho. Com seu apoio ele poderá ser semanal.

Assinatura anual para o Brasil Cr\$ 20.000,00

Assinatura anual para o exterior US\$ 400

Assinatura anual para Entidades Diplomáticas US\$ 400

Preencha os dados abaixo e envie ao nosso Departamento Comercial:

Rua Prof. Aprígio Gonzaga, 148-CEP 04303 — São Paulo-SP,

ou à Caixa Postal 42637

Em anexo envie um cheque nominal a favor de: EDITORA NOVO ORIENTE LTDA.

NomeTelefone.....

EndereçoBairro.....

CidadeEstadoPaís.....

Obrigado dom Angélico Sândalo,
 Obrigado sheik Mahmoud Al Ásfar,
 Obrigado pastor Roberto Themudo Lessa,
 Obrigado teólogo Oneide Bopsim,
 Pelo Ato Ecumênico.



Obrigado a todos os companheiros que lotaram a Catedral da Sé,
 Obrigado a todas entidades que ali estavam representadas,
 Em nome das vítimas da Guerra do Líbano, nós agradecemos.
 Obrigado a vocês que continuam acreditando na humanidade,
 Obrigado a vocês que condenam a brutalidade e a tortura,
 Obrigado a vocês que não tiveram medo das ameaças,
 Obrigado a vocês por lembrarem que a luta não pára aí.
 E não pára mesmo.

PARTICIPE VOCÊ TAMBÉM DA CAMPANHA PELO
 FECHAMENTO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE ANSAR

CRUZ VERMELHA PROIBIDA

Notícia publicada no boletim da Cruz Vermelha Internacional (Comité International Geneve de La Croix-Rouge), nº 90, página 3: "O Comitê Internacional da Cruz Vermelha fez gestões, no mês passado, para que as Forças Armadas israelenses suspendessem o bloqueio, durante uma operação de segurança, à população libanesa de Deir-Qaum. O povoado ficou isolado durante seis dias e foi negado, repetidas vezes, o acesso do Comitê Internacional da Cruz Vermelha ao povoado, apesar de seu direito, em virtude da Convenção de Genebra".

O TRAFICANTE E OS SIONISTAS

O coronel Luíz Arze Gómez, o rei da cocaína boliviana, foi tema de amplo noticiário pela TV Manchete recentemente. O militar boliviano, asilado na Argentina, possui uma frota de 42 aviões, inclusive três de combate, e comanda um exército particular de 12 mil homens na Bolívia, envolvidos no tráfico de cocaína. Mas uma notícia a TV Manchete não deu (nem dará), embora seja da maior importância: assessores militares israelenses treinaram os traficantes de drogas do exército particular de Luíz Arze Gómez. A notícia está publicada no jornal *Presencia* de agosto, editado em La Paz.

Deu no Jornal da Tarde de São Paulo.

Para o governador do Rio, até a luta entre árabes e judeus pode ter inspirado o "lockout" do comércio em Madureira: "O Jamil (prefeito do Rio) é de origem árabe e o presidente da Associação Comercial de Madureira é judeu". E repetiu que os saques são resultado "dessa irresponsabilidade que foi um mau exemplo e ajudou a preparar o ambiente para essas articulações", referindo-se ao "lockout".

CAMPANHA EM MARINGÁ

Na semana passada a campanha deflagrada pelo jornal *Jerusalém*, pelo fim do Campo de Concentração de Ansar, chegou às escolas da cidade de Maringá, no Paraná.

Durante cinco dias os colaboradores do *Jerusalém* recolheram assinaturas através do abaixo-assinado, distribuíram o jornal e ainda projetaram o documentário "Sanaúd", cedido pela OLP ao Cineclub de Maringá.

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE ANSAR

Esta notícia foi publicada pelo diário sírio *Al Baath*:

Dezenas de prisioneiros árabes presos no Campo de Concentração de Ansar se defenderam como podiam dos soldados sionistas. Eles foram levados nas últimas semanas de suas barracas para as salas de tortura, acusados pelos sionistas de terem recebido armas dentro do Campo (uma piada, pois nem formiga consegue entrar ali), mas os prisioneiros preferiram arriscar a vida do que sofrer as barbaridades cometidas pelos sionistas; arrancaram pedaços de madeira de suas barracas e encararam os soldados de Israel armados. Durante horas seguidas os sionistas partiram para a cidade de Sidon e prenderam centenas de jovens. Ninguém sabe do número de mortes e feridos dentro do Campo de Concentração de Ansar.

Campanha no Oriente Médio



في إطار الحملة العالمية للتصالح مع معنقى مسكر، انصارت صحيفة وجرور السبه الصادرة في ساواللو - البرازيل هذا التلق

الحرية لعقاي انصار

Contracapa da Revista Al-Hadáf, da Frente Popular de Libertação da Palestina. Vários países do mundo também estão divulgando este poster, símbolo da campanha que o Jerusalém está realizando pelo fechamento do Campo de Concentração de Ansar, mantido pelas tropas de Israel no sul do Líbano e onde 9 mil prisioneiros sofrem todo tipo de atrocidades.

كاركاتور ناجيا



MUÇULMANOS REZAM PELA PAZ EM SÃO PAULO

Mais de um bilhão de muçulmanos de todos os cantos do mundo comemoraram no último dia 17 o Dia do Sacrifício (Id Al Athha), a mais importante festa muçulmana. Em São Paulo, a reza foi feita na mesquita Brasil, e ao mesmo tempo rezaram pela paz e pelo fim dos massacres provocados pelo Estado de Israel nos territórios ocupados. Depois, às 16 horas, os muçulmanos paulistas foram até a Catedral da Sé, onde participaram de um culto ecumênico pelas vítimas da Guerra do Líbano e dos massacres de Sabra e Chatila.

Coluna do Al-Manduca

RACISMO EM ISRAEL

O jornal *Haartz*, editado na Palestina Ocupada, informou que Atalah Raduan, um soldado druso do Exército de Israel, será julgado e provavelmente condenado por ter lutado ao lado dos militantes do Partido Socialista Progressista.

A imprensa de Israel está confirmando: há discriminação em Israel contra os judeus safardin (os judeus nascidos fora de Israel), pois Abu Hasirah, deputado e líder do Partido Tami, foi condenado a três meses de prisão acusado de corrupção. O jornal *Yerithun Ahronut* publicou uma entrevista com a irmã deste deputado, onde ela diz: "Se meu irmão for mesmo preso, 200 mil judeus marroquinos também irão com ele".

CULTURA

Em Londres está sendo realizada uma exposição de arte palestina antiga. A exposição é oficial, está no museu Britânico de Londres, onde ficará durante quatro meses. Além das obras artísticas e históricas, também uma exposição de três mil fotografias representando a cultura árabe palestina.

ANEXAÇÃO

As anexações na Palestina Ocupada continuam. O governo sionista aprovou a instalação de mais duas novas colônias na Cisjordânia ocupada. Este é o plano dos sionistas: mais colônias para os judeus e menos espaço para os árabes.

CONTRA A PAZ

Os governantes sionistas, além das violências que praticam contra o povo árabe, estão lutando contra o governo sandinista. E para atacar a Nicarágua, estão armando os somozistas concentrados em Honduras. A informação é da revista *Der Spiegel*.

ESPIONAGEM

Os serviços de espionagem da CIA estão em todos os lugares. No Sudão informou-se que nos últimos andares da agência noticiosa *Suna*, encontram-se montados modernos aparelhos de espionagem, controlados pelos agentes da CIA. E o pior: os próprios sudaneses estão proibidos de entrar no local.

ESCREVEU E...

No Egito a procuradoria-geral proibiu a edição do livro *A Procura de Sadat*, do escritor Youssef Adris, já publicado em diversos países árabes. Além da proibição, o autor foi preso.

DESUMANOS

Sessenta e dois bilhões de dólares. Este é o custo para a reconstrução do Líbano. O cálculo é do Banco Mundial e o tempo necessário é de dois anos. A reconstrução é possível, e as vítimas causadas pelos sionistas?

PATRIOTAS

Os habitantes de Kemed-El Loz, no vale de Bekaa, continuam resistindo aos agressores sionistas. Diariamente são atacados pelos soldados israelenses, que tentam ocupar a cidade.

DITADURA

A famosa democracia do Estado sionista é um espanto. A censura então nem se fala. O escritor inglês Roal Dahl foi censurado pela TV israelense por ter criticado a invasão dos sionistas ao Líbano quando declarou: "É como se um grupo de freiras se transformasse de repente e comesse a matar as crianças do orfanato".

PASSATEMPO

As tropas de Israel continuam com suas ameaças ao Líbano. Diariamente seus aviões brincam pelos ares do país. O intuito dos vãos é amedrontar a população.

O QUERIDINHO

Ariel Sharon, ex-ministro da Defesa de Israel, atualmente ministro sem pasta, o que é uma ironia, não agüenta mais ficar calado. Condenou o recuo das tropas israelenses de Chuf, e acusou o seu partido, *Herut*, de ser cúmplice na invasão do Líbano.

INOCENTES

A justiça de Israel é a mais engraçada do mundo. E quando é com os árabes, é ainda mais. Na cidade de Eilat, sul da Palestina Ocupada, um soldado sionista foi morto. Em represália, o governo israelense prendeu, sem investigação, 312 operários palestinos. Todos foram acusados de serem culpados. Em Israel é assim: o árabe é sempre culpado.

PETER TOSH: "A DIGNIDADE ACIMA DO DINHEIRO"

O cantor jamaicano Peter Tosh cancelou quatro shows que estavam programados em Israel. Segundo o cantor, não realizar estes shows é uma forma de protesto contra as brutalidades praticadas pelos sionistas e, em particular, contra o envio de armas ao regime racista da África do Sul por parte de Israel. Inconformado, seu empresário lhe informou que com essa atitude ele ia perder 80 mil dólares. Tosh, mesmo assim, resolveu cancelar os shows, alegando que "quando a questão é de dignidade humana, o dinheiro passa a ser secundário".

SIONISTAS X UNIVERSIDADE

Dentro dos territórios árabes ocupados pelo Exército de Israel, os sionistas estão impedindo a construção de uma Universidade árabe na Galiléia. O projeto foi elaborado pelos habitantes árabes da região com o objetivo de desenvolver a cultura e o ensino deste povo, uma vez que o ensino superior nas universidades judaicas não é permitido aos estudantes árabes.

GRUPO SAMILAR LTDA

O Rei dos Móveis
Tudo em 6 meses sem acréscimo

Matriz: Av. Milton da Rocha, 161

- Tel.: 201-7118 - V. Sabrina

Av. Roland Garros, 1131 - Tel.: 201-0217 -

Jd. Brasil Tel: 202-1436

martex

tel: 914-4455

TECELAGEM OMARTEX LTDA.

RUA DOM VILARES, 1712 - CEP 04180
VILA DAS MERCES



FREE STORE

MAGAZINE LTDA.

A mais moderna Loja de Móveis da Zona Leste

4 ANDARES A SUA DISPOSIÇÃO - SEDE PRÓPRIA

LOJA: RUA ANTONIO DE BARROS, 319/321 - TEL.: (PABX) 296-4166

FÁBRICA: AV. ARICANDUVA, 77 - TATUAPE - SÃO PAULO

ABERTO ATÉ AS 22:00 HORAS - COM AMPLO ESTACIONAMENTO

DAMATEX

CARPETES - CORTINAS - TAPETES
CAMA - MESA

RUA LINO COUTINHO, 1906
IPIRANGA - SACOMÃ

FONE: 63.8146

CASA DE MÓVEIS GENTIL DE MOURA

Móveis em geral — vendas à vista e a prazo
salas de visita — salas de jantar-copas fórmicas
mesas fórmicas — dormitórios — maq. de costura
peças avulsas — colchões em geral — sofás

Fone: 63-4266

Av. Gentil de Moura, 250 — Ipiranga — São Paulo



شركة سفريات المنارة
احمد رحال

Viajando pela MANARA você tem
a certeza de chegar e pagando menos

Manara-Turismo

Ahmed K. Rahal

RUA BASILIO JAFET, 66 - 10º AND. - S/ 104 -
FONES: 227-9672 - 227-3342 - SP.

Alca
Confecções Ltda.

ARTIGOS
PARA CAMA
E MESA

R. SÃO SILVESTRE, 125/127 - CEP 04255

FONE: KS 215-6777

SÃO JOÃO CLÍMACO - SÃO PAULO

FAÍSCA JÓIAS

AVALIAMOS - CONCERTOS
EM GERAL - JÓIAS SOBRE
ENCOMENDAS

Rua Conchal, 11 - Vila Carolina - Jaçanã

Tel: 202-1436

VOCÊ SABIA?

Que foi o cientista árabe Mohamad Ben Mussa El Ghauarezmi quem inventou e desenvolveu os estudos dos algarismos e de várias teorias da Física? Isso há 1.200 anos atrás.



MAR-GAL INDÚSTRIA DE ESTOFADOS LTDA.

AVENIDA UTINGA, 317 - TEL.: 447-7357 - SANTO ANDRÉ

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MEIAS

JNK LTDA.

Rua Guarda de Honra, 58 - SP

Te.: 63-7720

PREFEITO DE HEBRON VISITA O BRASIL E ACUSA

FINAL

Nesta edição, publicamos a última parte da entrevista concedida por Fahed Kawasmi, prefeito palestino expulso de Hebron, ao Jerusalém, por ocasião de sua recente visita ao Brasil.

Fahed conta, entre outras coisas, quais os métodos de repressão mais utilizados pelos israelenses, como se dá a resistência do povo palestino, qual o caminho possível para que se alcance a paz no Oriente Médio e retoma algumas questões referentes à OLP.

Quais são os métodos preferidos dos israelenses para reprimir os palestinos e de que modo esses reagem?

Os métodos de opressão são variados, incluindo os corporais, psicológicos, econômicos e tantos outros. Talvez os senhores saibam alguma coisa sobre a prisão de Nafah. Essa prisão foi a última construída no deserto de Neguev, numa região muito quente, e constitui-se de várias alas com dimensão de 18m². Dentro de cada cela são colocadas 25 pessoas, ou seja, resta menos de 1m² para cada prisioneiro. Estes não podem ficar deitados nem de frente nem de costas. São obrigados a deitar de lado.

Dentro de cada cela existem aberturas de 30 cm por 70 cm, uma porta de ferro opaca e, no canto, um banheiro. Quando transferiram prisioneiros para a prisão de Nafah, houve greve de fome. Para explicar a greve, eles disseram às autoridades israelenses que os tratavam como animais.

Os prisioneiros apresentaram algumas reivindicações: que a porta de ferro opaca não seja totalmente fechada; que tenha algumas aberturas para ventilação; a colocação de uma cortina, pelo menos, nesses banheiros para que as pessoas não fiquem totalmente descobertas diante dos demais; e que as visitas de familiares e parentes, até então mensais com a duração de trinta minutos, passassem para uma hora por mês. Mas os israelenses rejeitaram todas essas reivindicações e então houve greve durante 42 dias. Como conseqüência desta greve quatro prisioneiros morreram. Dezenas de presos saíram enlouquecidos dessas prisões e dezenas saíram mortos. A maioria desses presos sofre de doenças permanentes de toda ordem.

Quando as autoridades da Prefeitura de Hebron solicitaram às autoridades daquela prisão a ida de um médico para atender aos pacientes por conta da municipalidade, os israelenses rejeitaram o pedido. A Cruz Vermelha de Genebra tem todos os detalhes e todas as informações a respeito da situação dos presos políticos palestinos.

A Comissão dos Direitos Humanos já fez dezenas de relatórios sobre a situação deles dentro de Israel. Mas o castigo e o sofrimento a que são submetidos são inimagináveis.

Arrancar as unhas, apagar os cigarros no corpo e colocar homens e mulheres sobre garrafas quebradas de refrigerante ou de qualquer outro tipo de bebida são uma coisa corriqueira. Os choques elétricos são bem conhecidos. Estirar as pernas e

as mãos, e depois puxá-los em direções contrárias, para que a pessoa sinta que está sendo esmagada, demolida, também é muito comum, assim como a colocação dos presos em poços com água gelada — quase a zero grau — por uma noite inteira e o espancamento dos órgãos sexuais de homens e mulheres. A violação das mulheres perante seus maridos é uma prática bem conhecida dos israelenses.

Nessas celas há judeus que também lutam ao lado dos palestinos?

Existem judeus presos, mas em outras prisões. Estas são prisões especiais para os palestinos. Israel Chirac, presidente da Comissão dos Direitos Humanos de Israel, já escreveu muito sobre os métodos que os israelenses utilizam contra os próprios judeus que lutam em favor dos direitos humanos.

São centenas de judeus que lutam a favor dos direitos dos palestinos com o Rakah, Tchile, Paz Agora. Mas eles não têm o poder.

Quantos são os presos atualmente?

Além do Campo de Concentração de Ansar, que tem 9 000, existem mais ou menos 4 500 presos políticos nos territórios ocupados. Desde 1967, após a ocupação militar, já são mais de 200 mil, desde aqueles que ficam uma semana até aqueles que estão condenados à prisão perpétua. Não existe nenhuma família nos territórios ocupados que não tenha assistido à prisão de um de seus membros. Eu fiquei preso 52 dias. Meu outro irmão, seis meses. O intermediário entre eu e o mais velho ficou três anos e meio na prisão. Nós somos uma amostra apenas, um exemplo.

Como a população resiste, que formas de luta e organização utiliza?

Logicamente, o povo palestino é semelhante a outros povos que sofrem uma ocupação. Ele rejeita todas as formas de ocupação. Já demonstramos a nossa rejeição a esta ocupação de várias formas, como através de greves, manifestações, telegramas para as autoridades, preces nas igrejas a tantas outras coisas.

Como se dá a ocupação no campo econômico?

A ocupação econômica assume várias formas. Altas taxas de imposto apenas sobre as populações palestinas, o que está em contradição com a prestação de serviços. Outra forma é o emprego dos palestinos nos estabelecimentos comerciais, industriais e agrícolas dos israelenses por salários baixíssimos que não chegam sequer perto dos salários da população israelense.

Não se permite o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria a não ser para servir aos interesses dos israelenses. O controle sobre todos os meios de vida dentro da Palestina Ocupada, como eletricidade, água, meios de transporte, educação, está sob o controle israelense. Importação e exportação só são permitidas aos israelenses.

Os produtos dos israelenses são vendidos nos territórios ocupados, mas os nossos não são permitidos no Estado de Israel, a não ser com uma autorização prévia. Posso citar o exemplo das uvas. Eles permitem que a uva produzida em Israel seja vendida na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, conseguindo preços mais altos e, quando chega o tempo das nossas uvas, eles não permitem a venda nos territórios israelenses.

Como é a vida dos prisioneiros no Campo de Concentração de Ansar?

Eu não queria entrar em detalhes sobre este Campo. Os relatórios da Cruz Vermelha Internacional descrevem a situação em Ansar. As brutalidades que acontecem ali são indescritíveis.

Como ocorre a repressão no plano cultural?

Existem 40 mil livros que não podem ser publicados dentro dos territórios ocupados. Se for encontrado um desses livros censurados numa livraria, esta será fechada e o dono será preso.

Exposições, festas populares e tantas outras coisas de expressão popular são proibidas. Muitos estudantes confeccionaram pastas com a forma da bandeira palestina e foram presos.

A entrada de assassinos nos pátios das universidades palestinas já se tornou um fato corriqueiro. Transferir um professor de um lugar para outro distante já é uma coisa rotineira. Essa transferência implica em tornar o salário do professor insuficiente para sustentar sua família. Na época dos exames, os estudantes que são fotografados em manifestações são proibidos de fazer as provas.

O que o sr. acha que deveria ocorrer para se firmar a paz no Oriente Médio?

O Estado de Israel deve respeitar as Resoluções da ONU, as quais criaram o próprio Estado de Israel. Também deve ser respeitada a Declaração dos Direitos do Homem, assinada pelo próprio Estado de Israel em 1949. Os EUA devem cessar sua ajuda econômica, política e militar ao Estado de Israel para que este sinta sua própria força e tamanho e nada mais. Na prática, isto significa a retirada israelense de todos os territórios ocupados e a autodeterminação para o povo palestino.

O que o sr. acha do plano Reagan de 1982?

Este plano significa não dar as mínimas condições para a autodeterminação do povo palestino. Nós aceitamos as Resoluções da ONU, os acordos de Jimmy Carter e Brejnev, no passado, e o posterior de Brejnev. Também concordamos com o Plano de Fez do ano passado e o Plano de Nice dos países europeus, sendo que achamos necessário tornar mais dinâmica esta iniciativa européia.

Como estão as relações dos árabes nos territórios ocupados com o grupo Paz Agora?

Nós respeitamos e consideramos todo judeu que queira a paz na região. Nós não somos contra os judeus, e nunca fomos racistas. Mas somos contra aqueles que desapropriam a nossa terra e nos privam do direito de existir e viver. Damos as boas-vindas para o Movimento Paz Agora e desejamos a eles todo sucesso em suas tentativas de aproximação e de paz.

O que pensa a OLP sobre a presença de forças estrangeiras no Líbano na qualidade de Forças de Paz?

A força multinacional que veio ao Líbano tem como objetivo impedir o avanço das forças israelenses e permitir a retirada dessas mesmas forças do território libanês. A não retirada das forças israelenses dos territórios libaneses foi um fator que levou o povo libanês a lutar contra o ocupante.

O objetivo principal era elas ocuparem um marco divisório entre as duas partes para que palestinos e israelenses saíssem. Os israelenses não se retiraram e as armas continuam nas mãos dos falangistas. E este é um problema entre os próprios libaneses, porque, antes, os falangistas diziam que quem provocava os problemas dentro do Líbano eram os palestinos. Os palestinos já saíram. Então, por que não foi resolvida a questão libanesa? Quer dizer que o conflito no Líbano não era um conflito entre palestinos e libaneses, e sim entre as forças nacionalistas libanesas e os falangistas. O Movimento Nacionalista Libanês, que quer a independência do Líbano, e os falangistas, que querem ligar o país às forças imperialistas, são o eixo do conflito.

AGORA FURAM OS OLHOS COM INJEÇÃO

Tradução Lemeh Smaili

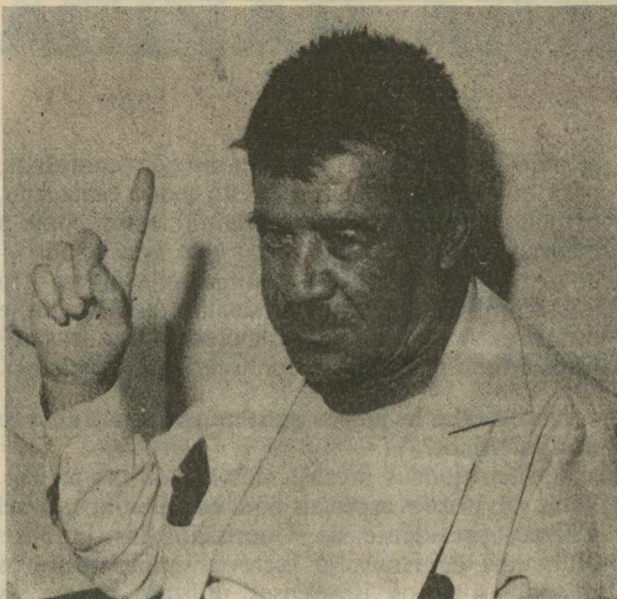
Abu Saleh, palestino da Frente Popular de Libertação da Palestina, relata, neste depoimento ao *Jerusalém*, a terrível experiência passada nas mãos dos torturadores sionistas e no Campo de Concentração de Ansar. Conta também como, através da fé, da união e da resistência contínua de libaneses e palestinos, foram conseguidas várias vitórias, entre as quais a paralisação dos interrogatórios de tortura com os presos mais antigos.

"No início das batalhas, eu estava em Ain Heluah, e fui encarregado para uma missão, sendo posteriormente transferido para Tiro. Tentei ir até esta cidade através de uma ambulância, porque o caminho era muito perigoso — perto de Alaabasah a estrada estava cortada em consequência dos bombardeios —, então fomos através dos pomares e pensei em entrar lá com guerrilheiros para lutar e reforçar a resistência.

Saimos de Tiro depois que verificamos que não tinha ninguém ali e decidimos voltar para Sidon. Chegamos até o rio Zahrani e os companheiros, como eu tivesse conhecimento desta estrada, me pediram para que eu fosse na frente ver se tinha algo na estrada e o que estava acontecendo em Sidon; deixei-os num lugar e disse que voltaria com as informações, que não deviam ter medo porque os soldados sionistas se agrupam à noite, mas parece que eles ouviram barulho de um avião transportando sionistas e se espalharam. Voltei e não os achei, procurei por eles durante três dias no meio das árvores queimadas, a fumaça entrando nos meus olhos e quase não via mais nada, permaneci num lugar e entrei em contato com um médico da resistência que me enviou medicamentos e material de socorro.

Numa das noites, três carros vindos de Beirute, cheios de parentes de sulistas que iam visitá-los, chamaram a atenção dos sionistas, que cercaram a área; os sionistas entraram onde eu estava e no começo não queriam me prender, porque eu estava quase morto, mas depois decidiram me prender e me levaram para a indústria Safa. Era meio-dia e vi muitos presos lá. Um capitão israelense me perguntou o nome e a que partido eu pertencia. Respondi o meu nome por completo e que era da Frente Popular. Quando o capitão soube do meu nome, me disse: "Você não é comigo".

Me mandaram, então, para o Campo de Concentração de Ansar. Lá, um outro capitão me recebeu bem, me disse para sentar, me deu café e um cigarro e falou que era do serviço secreto e que seu nome era Mijer Yahu. No começo, tentou me interrogar por bem, pedindo informações que eu não sabia. Como não obtive resposta, me mandou com três soldados para o porão. Chegando lá, aproximou-se um médico e enfiou uma agulha em meu olho. Senti que meu olho voou, senti que cortaram minha cabeça, uma dor inimaginável. Naquele momento, um deles disse: "O olho dele já era, vamos ao outro olho". Xinguei-os e o Estado sionista e disse: "Me matem, mas continuarei árabe e lutarei para sempre..." Eles gargalharam e depois arrancaram minhas roupas e começaram a me bater até que desmaiei.



Horas depois acordei numa outra sala. A dor era insuportável. Minhas costas estavam descascadas. O sangue escorria. Chegaram dois soldados carregando fuzis M-16 e me encostaram de pé na parede. Um deles me disse: "Não me interessa o que você é. Me interessa saber onde ficam os depósitos das armas e munições".

Respondi que não sabia.

Aí ele falou: "Se é assim, estou pouco ligando se você morre ou não".

Então ele pegou um papel, fez um círculo e colou nas minhas costas. O papel colou fácil, pois o sangue parecia cola. Um soldado apontou seu fuzil para mim e atirou uma só vez. Eu não caí. Permaneci em pé. O outro gritou com este soldado, dizendo: "Não sabe fazer pontaria?". Então, arrancou-lhe o fuzil e atirou em mim. Eu olhava para o fuzil, mas depois vi que era uma maneira de aterrorizar os presos, pois as balas passavam do meu lado. Neste momento, entrou um outro soldado e gritou com eles. Me carregaram e me levaram para uma outra sala. Lá havia um oficial sionista. Ele me disse: "Isto que está acontecendo não tem nada a ver com Israel, Israel não quer isto, o problema é que estes que te torturavam tiveram parentes e amigos mortos na guerra e estão com sangue quente".

A LUTA DENTRO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Abu Saleh calcula que existem mais de 10 mil prisioneiros em Ansar, e que a sua maioria é de mulheres, velhos, além de um número significativo de jovens e crianças...

"Os presos lutam pela sobrevivência no Campo, e se comunicam secretamente entre si, através de papéis escritos com códigos e símbolos, sem citar nomes. Eles imploram para que as crianças e as mulheres não sejam torturadas. Diariamente, os prisioneiros, logo às primeiras horas da manhã, cantam o hino nacional palestino e libanês, todos juntos e em voz alta. Nós sempre comemorávamos todas as datas nacionais árabes, como podíamos, mas sempre esperançosos. Várias vezes os prisioneiros, revoltados com as torturas alucinantes, queimavam as barracas e protestavam, mas de nada adiantava. Comemoramos em 31 de março o dia da terra Palestina. Logo depois, consegui sair de Ansar, fui levado para Sidon e de lá expulso para Trípoli."

LANCHES EREVAN

LTDA.

LANCHES EM GERAL
E COZINHA ARABE

— TELEFONE: 92-9873 —

Rua Miller, 437/441 - Brás - São Paulo - Brasil

REPRESENTAÇÕES DE MÓVEIS
ESPECIALIDADE EM MÓVEIS
BOTTEON
LUIZ, JAIR, E LUIZINHO

Rua Sebastião Mazzoni, 325-Vila Moraes-SP
Tels.: 547-4596 275-3581 — 246-6731

CASAS
Recife LTDA.

Dormitórios, Copas, Cozinhas, Estofados, Móveis Coloniais
e Eletro-Domésticos em Geral

Fone: 202-2820
V. Sabrina - S. Paulo

Av. Milton da Rocha, 100 -

SHOP'S **MILE**
MADE IN BRAZIL

FONES: 93-8017 - 291-1853

RUA MINISTRO FIRMINO WITACKER, 86

BRÁS - SÃO PAULO

Utilidades Domesticas Nassif

Nassif e Filhos Ltda.

MÓVEIS — ELETRO DOMESTICOS —
DECORAÇÕES

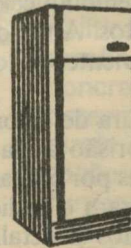
AVENIDA DO CURSINO, 329 - SAÚDE - FONE: 272-0791

Estacionamento Próprio

ENXOVAIS JAMAL

CAMA-MESA-BANHO

Rua Barão de Ladário, 419 — Brás — S Paulo
Telefone: 228-9660



LOJILAR

Móveis - Estofados
Copas Formicas
Eletro Domésticos
em geral



☆☆☆

Matriz: Av. Mateo Bei, 2390 - Fone 271-9485 -
São Mateus - SP

Filial 1: Rua Oretório, 1890 - Fone 447-1038 -
Pq. Nações - S. André

Filial 2: Rua Antonio Gabriel Franzen, 22 -
Vila Renato - São Paulo

Filial 3: **TOPA-TUDO Magazine**
Av. Mateo Bei, 1659 - Fone: 271-9485 - S. Mateus

ENXADRISTAS DE TODO O MUNDO APÓIAM CAMPANHA

O enxadrista brasileiro Cícero Braga acaba de chegar dos EUA, onde participou do Campeonato Mundial de Jovens por Equipe, na Universidade de Chicago, realizado de 22 de agosto a 3 de setembro. Ele fez um balanço para o **Jerusalém** da Campanha pelo Fechamento do Campo de Concentração de Ansar e A Favor da Vida, desenvolvido junto aos demais jogadores presentes ao campeonato.

Segundo Cícero Braga, toda a equipe brasileira, composta de cinco enxadristas, subscreveu o abaixo-assinado, e, ao lado dos argentinos, que também assinaram, está muito interessada em participar do Torneio Aberto de Xadrez que o Clube de Xadrez de São Paulo e o **Jornal Jerusalém** realizarão, em outubro, como parte desta mesma campanha.

Conforme as expectativas do enxadrista brasileiro, as equipes sul-americanas assinaram quase que em maioria absoluta. As equipes da

Líbia, Kwait e Emirados Árabes não só assinaram como também levaram abaixo-assinados e posters da campanha para seus países. Canadá, Finlândia, Inglaterra, Escócia, Suíça, Grécia, Espanha e a China Popular, através do seu técnico Zang, também subscreveram o abaixo-assinado. Os franceses somente assinaram depois que o enxadrista libanês B. Konatly, 1º tabuleiro da França, forneceu maiores informações sobre a situação no Campo de Concentração de Ansar.

Como era de se esperar os jogadores dos EUA não assinaram. Vale a pena destacar que a equipe americana era composta de cinco judeus apátridas foragidos da União Soviética e um americano. Já os enxadristas soviéticos alegaram, para não assinar, que poderiam ser expulsos dos EUA devido à política Reagan e ao episódio do Boeing coreano que provocou forte histeria anti-soviética.

O ORIENTE MÉDIO DE JANKA

Leslie Janka, assessor especial e subsecretário de Imprensa da Casa Branca para Assuntos de Política Externa, fez uma conferência no último dia 13, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (SP), onde discorreu sobre diversos aspectos da crise no Oriente Médio.

Para o subsecretário, a questão central da tensão foi a invasão israelense no Líbano. Afirmou que a política americana para a região é muito complicada, pelas dimensões e complexidade do conflito. Apesar disso, tem plena convicção que os EUA "só querem a paz e a soberania dos povos árabes".

Citou os acordos de Camp David como a solução ideal entre árabes e israelenses. Quanto ao escandaloso apoio político e militar americano a Israel, Janka praticamente confirmou que os sionistas controlam o Congresso dos EUA. "A comunidade judaica é muito grande e ativa e os deputados estão constantemente sob pressão destas lideranças." O subsecretário citou casos em que o projeto de verba de auxílio para Israel era de 500 milhões de dólares, o Congresso duplicou esta quantia e, quando decidiu-se remeter 100 milhões para a Jordânia, foram liberados apenas 40 milhões.

Segundo Janka, somente haverá paz quando: a OLP reconhecer o Estado de Israel, mas não citou o inverso, isto é, Israel reconhecer a OLP; as tropas estrangeiras, "principalmente sírias", se retirarem do Líbano; quando cessar a guerra Irã-Iraque e a Revolução Islâmica. Manifestou-se também contrário à criação de mais colônias israelenses na margem ocidental do Rio Jordão.

Ao falar da guerra Irã-Iraque, Janka afirmou que os EUA têm relações limitadas com os dois países, embora tentem, a todo custo, evitar a intervenção soviética no conflito. Para tanto, negou, enfaticamente, que estejam vendendo armas para os dois países. "Não queremos intervir numa guerra que não nos pertence, mesmo porque, se ajudássemos o Iraque, fatalmente o Irã recorrerá à URSS, e isto não queremos."

Ainda sobre política armamentista, o subsecretário deixou claro que os EUA não vêm com bons olhos o intercâmbio entre Brasil e Líbia, "mas não farão nada que prejudique os interesses brasileiros".

Leslie Janka referiu-se aos massacres ocorridos na Palestina Ocupada desde 1947, Sabra e Chatila e ao Campo de Concentração de Ansar como fatos corriqueiros alegando que os EUA não têm poder para limitar estas tragédias. Disse também que os palestinos terão sua pátria, mas isso é "um sonho que deve vir passo a passo, não imediatamente".

A grande preocupação dos americanos é proteger Israel, em quaisquer circunstâncias, pelo compromisso assumido em 1947. Os EUA acham que os israelenses são muito frágeis diante do mundo árabe. Assim como a comunidade judaica no Congresso, a opinião de Leslie Janka é de que os árabes precisam respeitar e reconhecer Israel, mesmo que a recíproca inexista.

JERUSALEM

RUA DOM VILARES, 578 - C.A. 08 - TEL. (011) 65-9040 - CEP 04190 - VILA DAS MERCEDES - SÃO PAULO - BRASIL

LIST OF SIGNATURES

(It's going to be sent to President João Batista Figueiredo and to U.N.O.)

END TO THE SLAUGHTER CAMP IN ANSAR FOR THE HUMAN RIGHTS TO GET ISRAEL OUT OF THE OCCUPIED TERRITORIES

Israel maintains millions of civil Arabs in the slaughter camp of Ansar, in South Lebanon. There, there's no respect to the Human Rights. The way they treat the people is inconceivable and it's rare the day, that no deaths occur.

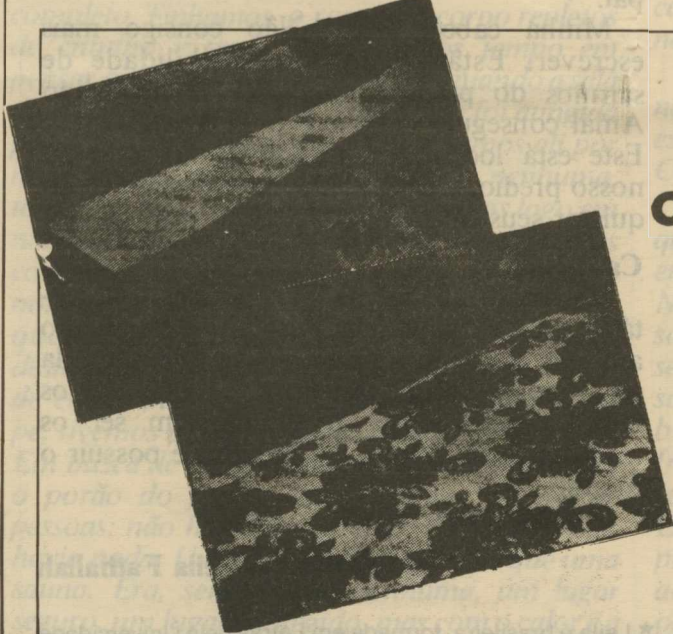
The Geneva Convention is not recognized and even the International Red Cross is prohibited to give any attention to the prisoners. It consists of workers, students, women and religious people. One of the tortures they do, is to throw the prisoners in pools full of pins and nails.

It is important to emphasize that in the beginning, there were 12 thousand prisoners, and now according to Israel troops, there are just 8 thousand people left. The same troops prohibit journalists to enter in the slaughter camp.

It is necessary to put an end to what the State of Israel is practicing in the occupied territories. Now what matters for us more than ever is to have your cooperation.

| Signl Name | Profession |
|-------------------|-------------------|
| SWAYAH | LIBYA TEACHER |
| KWELDY | TEACHER |
| OTMAN | STUDENT |
| SHWETAR | EMPLOYEE |
| MAHDIA | STUDENT |
| AMER | STUDENT |
| SWAHEN | |
| Levacic D. | (France) Student. |
| B. KOATLY | (FRANÇA) |
| C. ZAPATA | (Colômbia) |
| G. Leitchak | (Canada) |
| ILIAS KOUKOUNAKIS | (Grécia) |
| Gustavo Juárez | (Guatemala) |
| J. David Navarra | (Guatemala) |
| FRANCISCO GUERRA | (GUATEMALA) |

| | |
|---|------------------|
| JOHNNY PEREZ (VENEZUELA) | ESTUDIANTE |
| JUAN CARLOS URBANETA (VENEZUELA) | ESTUDIANTE |
| STIANCARLO CAVAGLIANO (Rep. Dominicana) | Estudante |
| Omin Toranigh | Attorney |
| Alan Norris Scotland | stak anilts |
| Paul Motuani Scotland | student |
| Colin McNeil Scotland | Student |
| Andrew Muir Scotland | hauare |
| Reat Zigei Switzerland | Stud. |
| MARCELO TEMPONE (ARGENTINA) | ESTUDIANTE |
| SUILLENMO MUTTONI (ARGENTINA) | MOBESONAT |
| Yahia Gustavo (ARGENTINA) | Est. de economia |
| PONZERI CLAUDIO (ARGENTINA) | ESTUDIANTE |
| Nasser Ahmed Saeed (U. A. E) | Catedrante |
| Imar J. Mera (Rep. Dominicana) | TEACHER |
| ABDALLAH SHAYKH LIBYA | TEACHER |
| KWELDY LIBYA | CHES PLAYER |
| Glen Plear ENGLAND | ESTUDIANTE |
| Guadalupe Solano (Colômbia) | Estudante |
| Juan Carlos (Colômbia) | Estudante |
| Nelson G. Muñoz (Hondurens) | ESTUDIANTE |
| ELIAS ZANOUR (HONDURENS) | ESTUDIANTE |
| LIANG CHUN SHENG (China) | Public Official |
| Argentinia Teron (México) | estudante |
| Zilande Gordero (Puerto Rico) | estudante |
| Roberto Rojas (Dominican Rep) | estudante |
| Josine Rojas (Dominican Rep) | Estudante |
| S. Fleis (Spain) | alvora |
| Alvaro M. Buzo (Brasil) | tec duradora |
| Antonio Carlos de Resende (SC-BRASIL) | PROFESSOR |
| Juan Botta Souza (BRASIL) | ESTUDANTE |
| 1 anos Paolopi Anselmo da Cunha (BRASIL) | ESTUDANTE |
| BERNAT, MIGUEL (ARGENTINA) | AJEDRECISTA |
| BARBARINO, RODOLFO (ARGENTINA) | AJEDRECISTA |
| JORGE David Abreu C. (DOMINICANA) | MATEMATICA |
| Renata Amilcar Machado Júnior (RJ-BRASIL) | ESTUDANTE |
| Prett Campbell CANADA | Student |
| Yunus Edhesal FINLAND | " - " |
| Yunus Edhesal FINLAND | " - " |



O maior fabricante de colchas e cobertores da América Latina

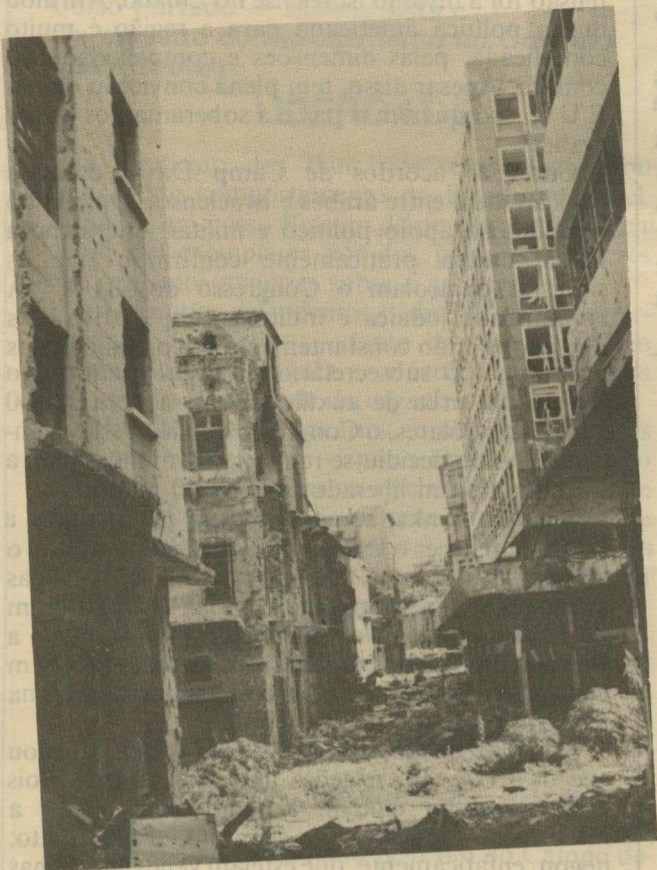
mourad

Fundada em 1952

TÊXTIL SÃO JOÃO CLÍMACO LTDA. — Estrada São João Clímaco, 128
Caixa Postal, 42585 - Telegrama: "CHERAZAD" - São Paulo -
Telefone: 273-3088 (PBX)

QUINZENAL

DIAS DE TERROR



“Os habitantes estão entre a vida e a morte, não dormem, ninguém vai para o campo, a terra está minada, passam as noites nos porões das casas, quem tem algum dinheiro está indo embora, os que ficam ainda dividem o pedaço de pão feito nos porões, as aldeias parecem desertas, abandonadas, sem vida, sem nenhuma alma...”

Assim está relatado numa das cartas recém-chegadas da aldeia de Ghazze, no vale de Bekaa, Líbano central. A pessoa que nos mandou a carta afirma, entre outras coisas, que o Movimento da Resistência Nacional, formado em sua maioria por jovens libaneses, ataca diariamente as forças de ocupação, que é raro o dia em que não morrem soldados sionistas e que, em resposta, os sionistas metralham os campos e as aldeias. As operações acontecem geralmente à noite. Ela conta ainda que os sionistas, quando se aproximam as 18 horas, transferem os tanques para lugares mais seguros e constantemente modificam suas posições, mas tudo isto não adianta para o término das operações; pelo

contrário, facilitam mais ainda, pois os jovens libaneses da Resistência Nacional vão até os lugares e as trincheiras abandonados pelos sionistas quando a noite se aproxima e permanecem lá até o amanhecer. Assim que os sionistas retornam de manhã para retomar estas posições, são surpreendidos pelos guerrilheiros da Resistência Nacional. Na primeira vez que isto aconteceu, os sionistas perderam tanques, muitos soldados e foram obrigados a abandonar a área até que um reforço chegou apoiado por helicópteros de combate.

Com estas informações, ficou caracterizado que os sionistas não possuem somente Ansar como campo de concentração, mas o Líbano por inteiro, repetindo o mesmo que aconteceu e ainda acontece na Palestina. Os mesmos autores que horrorizaram Deir Yassin, Hebron, Jerusalém, estão produzindo o mesmo no Líbano, só que desta vez com mais experiência e aperfeiçoamento; diariamente seres humanos são mortos, crianças ficam orfãs, mulheres viúvas. Será que o mundo não sente o que é isto?

O DIÁRIO DE LEILA *

29/8 — Segunda-feira — 16h30. Toda a família está no apartamento, juntamente com o irmão da minha tia e sua esposa, recém-casados. Cada um de nós ocupado com seus afazeres, a empregada na cozinha, outros espalhados pelos quartos, um no banho e eu na sala de TV.

De repente, tiros. Tiros de metralhadoras passando em frente ao prédio. O primeiro-ministro Chafic Wazan no 2.º andar e nós no 8.º. Corro para ver de onde vem e para onde vai esse tiroteio todo. Deus! Não pode ser realidade! Minha mente quer crer que seja uma história que meus olhos devoram e meus ouvidos absorvem, até os mínimos movimentos.

Agora, começam os mísseis RPG. É do partido do movimento Amal, cujo objetivo é a tomada do prédio do Canal 7.

Nosso prédio treme e junto com ele cada pêlo de nossos corpos. Parece que são nossos corações que estão bombardeando. Eu grito a cada explosão e me correm lágrimas. Meu tio só xinga o governo. A esposa crava as unhas nos braços do marido. Não quer ficar viúva. A empregada chora, pois um tiro havia estilhaçado o vidro da cozinha e ela não sabia o que fazer. Ficou atônita e colada ao chão; não fosse meu primo ir buscá-la, só Deus sabe como ela estaria agora. Estamos todos no banheiro social onde nos pareceu ser o lugar mais seguro e protegido do apartamento.

Minha cabeça martela: Deus! Eu estava com vontade de ir para a cozinha fazer um chá pois estava com dor de cabeça! De repente, um estrondo enorme. Uma bomba acaba de arrombar metade da parede do terraço da cozinha. Dois botijões de gás que estavam no terraço explodem e com isso a porta de vidro da cozinha voa pelos ares.

Alah! Alah! Alah! Alahu Akbar. Nossas mentes não cessam de pensar ao mesmo tempo

em que nossos lábios também pronunciam aquelas palavras de conforto.

De repente, um faz um comentário que provoca risos. Será que estamos rindo mesmo? Há cheiro de queimado e odor de gás se espalhando. “Vamos sair daqui pro quarto, depressa. Este cheiro vai nos sufocar.”

Meu primo corre e abre a porta do apartamento para permitir maior ventilação. “Calculem se vier um tiro agora! Deus nos livre, voariamos pelos ares.” Já passou meia hora e a impressão é de que o pesadelo não vai mais passar. Será que não vão cessar mais?

Gemidos! Alguém está chamando. “Alguém se machucou aqui?” É a voz de um dos guardas que ficam no térreo, protegendo o ministro. Virou o jogo, e acabamos nós, os civis, levando e arcando com todas as conseqüências. Nove anos assim, o Líbano não suporta mais esta pressão. O que tem feito o mundo por nós? E se fosse com eles, e nós é que estivéssemos assistindo pela TV, ouvindo pelo rádio, lendo pelos jornais? Acordem! Ajudem-nos! Façam o que puderem contra os que estão alimentando esta fogueira, e que são os maiores interessados em pôr abutres sobre nossas cabeças. Sionistas, parem!

Com o guarda, dois rapazes de proteção ao povo. Graças a Deus, estamos bem. “Mas verifiquem se há fogo no apartamento”, pedimos a eles. “Não, não há.” O chão preto. Como negras se apresentam as próximas horas. O que fazer? É melhor sair daqui e descer. Mas os guardas estão lá embaixo e eles são o alvo. Não o porão, não é seguro. Porém, devemos descer alguns andares; aqui não devemos ficar. Os rapazes verificam se não há perigo para sairmos. “Podem vir um atrás do outro.” Quando chegamos ao segundo andar, os moradores estão com as portas abertas e nos acolhem. Sentamos todos no corredor e a

discussão é em torno do que fazer. Descer para o porão ou não. E se vierem as forças do governo tentar resgatar os doze guardas que se renderam, sem tiroteios, por causa dos civis, moradores do prédio? Aí esquenta tudo novamente.

É aqui, sentada no chão, que sinto a necessidade de gritar para o mundo o que vai acontecendo nos corações deste povo exausto de todo este nojo. Não sabemos exatamente o que estamos sentindo. O cheiro de gás ainda embrulha nosso estômago.

Os tiroteios e os bombardeios não cessam. Pelo pequeno rádio de pilha, informam que estão indo em direção ao Kurnich El Mazraa.

Todos estão conversando, cada um contando o que já havia passado. A recém-casada já é viúva há um ano. O marido morreu na guerra do ano passado, no segundo mês do casamento. Ela tem um filho que não conheceu o pai.

Minha cabeça dói... Não consigo mais escrever. Estão vendo a possibilidade de sairmos do prédio, uma vez que o partido Amal conseguiu ocupar o prédio do Canal 7. Este está localizado justamente ao lado do nosso prédio. E se os soldados tentarem reconquistar seus postos? Aí, só Deus nos salvará.

Caro Editor:

Há muito queria mandar notícias. Lamentável que o conteúdo seja um depoimento amargo. A esperança e o objetivo é de que cada ser humano se conscientize de que somos iguais. Todavia, há os que crêem ser os melhores e, portanto, no direito de possuir o mundo.

Sionistas, parem!

Leila Fathallah

* Leila é brasileira, formada em Letras pela Universidade de São Paulo e está no Líbano visitando parentes.

NO LÍBANO

Os irmãos Mustafa e Abdo Mourad, dois empresários bem-sucedidos, tiveram que viajar repentinamente para o Líbano porque foram informados, através de um telefonema, que o estado de saúde de sua mãe inspirava cuidados. Para chegar até a aldeia de Ghazze, no Vale do Bekaa, onde viviam, tiveram que desembarcar em Damasco, na Síria. Dali, seguiram de carro até Ghazze.

Dois dias depois foram para Beirute. Ao invés dos trinta minutos habituais que separam o Vale do Bekaa e a capital libanesa, levaram três horas, devido ao excesso de barreiras montadas pelos exércitos e milícias que ocupam o Líbano. Mas isto não era nada. O pior ainda estava por vir em Beirute. O apartamento deles havia sido saqueado e, naquela primeira noite, encontraram-se no meio de um violento tiroteio que durou 61 horas.

Neste depoimento ao *Jerusalém*, eles relatam o medo e a insegurança que o povo libanês está vivendo.

"Nosso primeiro contato com o Líbano em guerra foi num domingo, quando chegamos à capital libanesa. O grupo Amal havia marcado para a quarta-feira um dia de manifestação e protesto pelo desaparecimento do líder Mussa Sadr. Pois nesse mesmo dia, domingo à noite, o Exército libanês começou a se movimentar e, na segunda-feira, o Exército e o Amal entraram em choque. Este grupo ocupou a televisão libanesa, o Canal 7, onde cantaram o seu hino e mostraram fotos de Mussa Sadr e de Jumblatt. Ali estavam não só os integrantes do Amal como também de outras forças progressistas do Líbano .

"Eles começaram a negociar com o governo. Entregaram os prisioneiros e a televisão, além de retirar as milícias das ruas. Isso já na terça-feira, quando já se ouvia o início do tiroteio. Assim que escureceu começou o tiroteio mais pesado. Sem saber de onde, éramos alvo de bombas. Vieram bombas, inclusive, do mar, pois a força de paz norte-americana reconheceu que também atirou naquela noite contra Beirute. A rádio, inclusive, pedia que buscássemos os abrigos antiaéreos.

"Em nosso prédio não houve um só apartamento que não foi atingido. Tivemos muito medo; não se tinha a menor segurança. Quando caiu a primeira bomba, podem acreditar, o prédio tremeu. Estávamos no sétimo andar, no apartamento de um vizinho, o deputado Nazem El Kadri. Estávamos sentados próximo à janela, quando essa primeira bomba caiu no prédio vizinho. E veio a segunda, a terceira, a quarta e, finalmente, a quinta bomba, quando o prédio ao lado desabou por completo. Tínhamos o rosto e o corpo repletos de entulho e terra. Mal tivemos tempo em pensar que tínhamos de sair de lá, quando a sala do apartamento em que estávamos foi atingida por estilhaços de bomba. Se ficássemos ali por mais cinco minutos, sem dúvida nenhuma teríamos sido todos mortos. Pensamos logo em nossos familiares, em nossas crianças. Subimos correndo para o décimo andar, onde está o nosso apartamento. Uma cena triste, uma cena que não esqueceremos jamais. Mulheres desmaiadas e crianças chorando. Meu sobrinho de cinco anos não conseguia ficar sozinho em pé, tivemos que pegá-lo no colo e retirá-lo dali. Em busca de refúgio, saímos de lá e fomos para o porão do prédio que já estava repleto de pessoas: não havia luz, janelas, ventilação, não havia nada. Um calor terrível, pior do que uma sauna. Era, sem dúvida nenhuma, um lugar seguro, um lugar protegido, mas com o calor e a falta de ar não havia condições de ficar ali.



Mustafa e Abdo Mourad, dias de terror no Líbano

Voltamos para o térreo, onde ficamos sem saber o que fazer, durante uns cinco minutos. Silêncio total, até que alguém sugeriu que voltássemos para o nosso apartamento, pois no porão teríamos morrido sufocados. Subimos e ouvimos o tiroteio até as quatro da manhã. Tiros, bombas, explosões. Uma noite muito longa e terrível.

"Foram 61 horas de tiroteio contínuo. De terça até sexta-feira. Só na primeira noite foram jogadas três mil bombas sobre Beirute.

"Durante essas 61 horas ficamos, primeiro, sem luz e, depois, sem água. Tivemos medo, sim. Não era o primeiro bombardeio que nós víamos no Líbano, mas sim o mais violento de todos, principalmente o da noite de terça para quarta-feira.

"Viver em Beirute é um grande risco. Um carro parado na rua pode ser uma bomba. A polícia é chamada assim que a vizinhança vê um carro estranho estacionado na rua. As pessoas não confiam em nada.

"Quando cessam os tiroteios, a vida é quase normal em Beirute. Se bem que nos dias que nós estivemos lá, não vimos o comércio aberto. Como é que as pessoas podem viver assim?"

"Entre Trípoli e Beirute há postos de controle que são mantidos pela Falange libanesa que se encarrega de cobrar pedágio de quem passa. Nesse clima, a população não tem paz e vive sofrendo. Não há um lugar sequer que seja seguro em Beirute. Não estão bombardeando só quartéis como diz a imprensa. Estão, sim, bombardeando tudo. O próprio governo francês, através de um ministro seu, já reconheceu que a bomba que caiu sobre a Embaixada de seu país em Beirute não foi proposital, nem um alvo dirigido, mas sim acidental. As bombas não escolhem um objetivo certo e, assim, uma cai em um prédio, outra em uma escola, outra em hospital etc.

"Antes, do Vale do Bekaa para Beirute levava-se meia hora. Agora são necessárias três horas para se fazer esse trajeto entre desvios e paradas obrigatórias, onde todo o mundo tem seus veículos revistados pelo Exército libanês. Em nossa frente, um dia, havia um caminhão que transportava aves e ovos. Pois eles descarregaram o caminhão inteirinho, antes de deixá-lo prosseguir a sua viagem e olharam tudo. Nós estávamos no carro de um médico. O porta-luvas estava emperrado e não abria de jeito nenhum. Assim, a desconfiança para conosco aumentou ainda mais. Abriram o porta-malas, o motor, olharam embaixo dos bancos. Abriram e desfizeram todas as nossas malas, uma por uma. O clima é esse, insegurança e medo. Meu apartamento em Beirute estava fechado. Mesmo assim, entraram nele, deram tiros em algumas cadeiras e rasgaram o alcorão. Essa invasão foi feita pelo Exército libanês.

"As crianças do Líbano vivem e crescem traumatizadas. Enquanto há calma, elas descem um pouco à rua e brincam com outras crianças. Mas isso é raro, pois quase sempre, em Beirute, elas estão presas dentro de casa. Nas aldeias a situação é de uma calma mais aparente. Dizemos calma mais aparente, pois as tropas sírias e as de Israel estão uma do lado da outra. Não estão a mais de 500 metros de distância, com os canhões dos tanques apontados um para o outro.

"A saída política para o Líbano seria uma nova Constituição, onde todos fossem tratados de forma igual, onde houvesse, sem dúvida, igualdade. Nada de cidadãos de primeira classe e outros de segunda. Todos têm que ter os mesmos direitos, todos devem sair como candidatos à presidência e o povo que escolha em eleições livres e democráticas."

ABOMINÁVEL

Estou veementemente contra a existência de campos de concentração. Considero que isto é uma coisa abominável para o Estado de Israel e para toda pessoa que se considera solidária para com o seu povo. Como estou totalmente contra a ocupação de territórios legitimamente árabes pelo Estado de Israel.

Celso Furtado — Economista e ex-ministro do Planejamento do Governo João Goulart

LIBERDADE

O Sindicato dos Bancários sempre protestou contra esse comportamento do Estado de Israel. Inclusive, em nosso Boletim diário com uma tiragem de 35 mil exemplares por dia, por diversas vezes reproduzimos matérias sobre o assunto.

Nós sempre defendemos o direito de autodeterminação dos povos — tanto do povo palestino quanto do povo libanês — e achamos que ambos têm direito à liberdade de organizar-se.

O Sindicato dos Bancários, junto com os demais sindicalistas, está com o povo libanês e palestino nesta luta pela democracia e pela liberdade. Diante disso, além da divulgação permanente dos fatos que vêm acontecendo no Líbano, nós podemos, na medida que os demais setores organizarem atividades, participar das mesmas.

Gilmar Carneiro dos Santos
Vice-presidente do Sindicato dos Bancários do Estado de São Paulo

DEPUTADOS APÓIAM

A maioria dos deputados da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná assinou, na semana passada, o abaixo-assinado pelo fim do Campo de Concentração de Ansar, apoiando a campanha deflagrada pelo **Jerusalém**.

Com raras exceções — como a do deputado Fuad Nacli, PDS, que não assinou —, o apoio foi geral, considerando-se que os demais deputados não foram visitados tendo em vista a realização de sessões parlamentares. A seguir, enumeramos os deputados que pedem o fim do Campo de Concentração de Ansar, o respeito aos direitos humanos e a retirada de Israel dos territórios ocupados: Márcio Almeida, Amélia de Almeida Hruschka, José Fonseca, Sérgio Spada, Tadeu Bento França, Rubens Bueno, Ferrari Júnior, Acir Mezdari, Sabino Campos, Edmar Luiz Costa, Nélon Vasconcelos, Mário Pereira, Adail S. Passos, Fiori Luiz, Tadeu Lúcio Machado, Antonio Anibeli, Jorge Amin Maia Filho, Roberto Requião. Até o prefeito da cidade de Arapongas, Waldir Pugliesi, que se encontrava na Assembléia, subscreveu o abaixo-assinado.

O deputado estadual Sérgio Spada prepara moção de repúdio à existência do campo de concentração, que será submetida a plenário.

CHOCANTE

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que a experiência desse campo de concentração choca e destrói todos os princípios que a humanidade construiu ao longo de sua história, revelando a dignidade e a natureza dos direitos da pessoa humana, e faz retroceder, em pleno final do século XX, a civilização à barbárie que havia por ocasião do nazismo. Aliás, a existência desses campos de concentração na Palestina Ocupada, na verdade feitos pelos que foram vítimas da opressão nazista na Segunda Guerra Mundial, revela para nós que, se a humanidade não se juntar no final do século para reconstruir a dignidade da pessoa humana e repelir todas as tentativas de fazer retroceder este avanço, nós estaremos perdidos.

Este é um exemplo lamentável. Eu acho muito importante os companheiros do jornal **Jerusalém** continuarem esta campanha que vem ganhando adeptos e que, por estar sensibilizando a população brasileira, está encontrando o sionismo internacional que reside no Brasil, que atua no Brasil, os obstáculos da repressão, da censura e da intimidação.

A minha mensagem é para que continuem com esta luta, porque ela conta com a solidariedade de todo povo brasileiro. O Comitê Brasileiro pela Anistia, assim como o Partido dos Trabalhadores, do qual eu sou secretário de relações internacionais, têm participado das reuniões da campanha promovida pelo jornal **Jerusalém**. Nós informamos, através de circular a todo o partido, a necessidade de se fortalecer o abaixo-assinado repelindo a existência desse campo e condenando o sionismo internacional.

Luís Eduardo Greenhalg
Presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia

REPÚDIO

Nós do PDT do Rio Grande do Sul temos uma posição de repúdio integral à política de agressão sistemática que se manifesta bem clara no caso do Campo de Concentração de Ansar. É não só um desrespeito aos direitos humanos dos mais flagrantes, com todos aqueles processos de tortura e de repressão, como também representa a tentativa sistemática do imperialismo israelense de impedir que o povo palestino consiga sua independência e sua nação.

É importante divulgar, através de debates e encontros, e formar comitês de solidariedade ao povo palestino.

Gilmar Linhares PDT
Rio Grande do Sul

MANCHA À CIVILIZAÇÃO

A humanidade não merecerá este nome enquanto existir o Campo de Concentração de Ansar. Os códigos e as palavras serão inúteis se perdurarem os atos de constante violência contra o povo palestino, com a crucificação dos melhores valores humanos.

É preciso um basta a esta situação de arrogância e despotismo que mancha a civilização.

Maurício Fruet
Prefeito de Curitiba

ENSANDECIDOS

O Campo de Concentração de Ansar é o resultado concreto da política ensandecida de Israel e da desunião dos árabes. As palavras do profeta Mohammad e de Cristo são as mesmas quando tratam da bondade, da fraternidade e da Justiça entre os homens, mas estas palavras não estão sendo ouvidas, prova disso é a invasão da Palestina, a invasão do Líbano, o Campo de Concentração de Ansar, a desunião entre os árabes, o distanciamento dos governantes árabes para com o seu próprio povo.

Mais do que nunca, e antes que seja tarde, é necessário que o povo árabe se una e ponha fim ao barbarismo e selvageria que reina em suas terras, onde o principal exemplo é o inaceitável Campo de Concentração de Ansar.

Felicito o jornal **Jerusalém** e as pessoas que apóiam essa campanha.

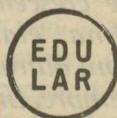
Amélia de Almeida Hruschka
Deputada Estadual do PMDB do Paraná

MAIS GRAVE

Minha posição em relação a campos de concentração é contra este e contra qualquer outro em qualquer parte do mundo. Agora, eu acho que muito mais grave do que um campo de concentração no sul do Líbano, é que Israel transformou o Líbano num campo de concentração. Naturalmente que temos todos de exigir que cessem essas práticas no Campo de Concentração de Ansar, mas também temos que formar uma consciência internacional que exija a retirada imediata de Israel do Líbano, porque é uma potência ocupante como tantas outras na história recente do mundo.

O PDT pode reivindicar a retirada das tropas israelenses do Líbano e que Israel volte a suas fronteiras. E neste caso específico protestar junto às autoridades israelenses e também libanesas para que seja desmantelado esse campo de concentração.

Neiva Moreira
Membro da Executiva Nacional do PDT e da Revista Terceiro Mundo



CASA DE MÓVEIS
EDU-LAR
AV. EDU CHAVES, 1069 -
CEP 02229 - EDU CHAVES - SP

CHURASCARIA E RODÍZIO
XAVANTES



291-9891

SERVIÇO COMPLETO
NA BRASA
LANÇONETE
RUA DOS CHAVANTES, 116 - BRAS - S.P.

SULTAN Comércio e Representações Ltda.



FABRICAÇÃO PRÓPRIA

PONTO ALTO EM DECORAÇÕES DE MÓVEIS
E ELETRO DOMÉSTICOS EM GERAL

MATRIZ: Rua D. Pedro II, 153 - GUARULHOS
FONES: 208-2882 - 208-2747 - 208-2822 - 208-4753

MOBILIADORA JAGUARÉ

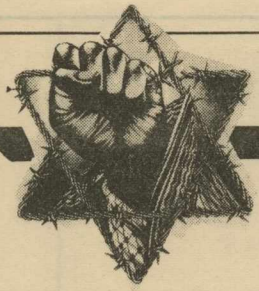
Móveis — Eletro-domésticos
Venda à vista e à prazo

Av. Presidente Altino, 193 — Fone: 268-0298
Jaguaré — São Paulo

REPRESENTAÇÃO MOURAD MÓVEIS

MOHAMAD H. MOURAD
Representante

Estrada da Conceição, 2253 Telefone: 202-8152
CEP 02417 - Vila Munhoz São Paulo - SP

**OPRESSÃO**

Há muito tempo, nossa entidade vem trabalhando no sentido de promover a mais ampla solidariedade a todos os povos que são hoje oprimidos pelas ameaças e agressões imperialistas.

O que ocorre no Líbano faz parte de toda uma política do governo de Israel apoiado pelos Estados Unidos, com a qual nós não podemos concordar em hipótese alguma.

Penso que a mais ampla campanha de solidariedade está sendo feita contra o massacre que ocorre no Líbano, mais precisamente no momento da invasão e agora contra a manutenção dos campos de concentração.

Somos frontalmente contra o sionismo. Nossa luta é pela paz. Nós queremos que o mundo viva em paz. Nós queremos que as mulheres tenham condições de criar seus filhos e de ter suas famílias.

A nossa luta é a luta de vocês. É a luta de todos nós. É a mesma que encaminhamos no Brasil contra o imperialismo, pela soberania nacional e de todos os povos, inclusive do povo palestino que nesse momento sofre.

Estivemos em Cuba participando da Conferência Internacional pela Paz Mundial. Posicionamos-nos contra a atual situação do Líbano e a propósito da situação internacional geral, mas principalmente com relação à luta da mulher brasileira pela paz, pela sua igualdade de direitos e pela soberania nacional.

Podemos encampar da maneira mais solidária a luta que vocês estão levando, ou seja, estaremos presentes em todas as manifestações, colocaremos nosso posicionamento diante da imprensa e em todas as concentrações de massa com mulheres da qual participamos, passaremos os abaixo-assinados e incorporaremos assim a mulher paulista na campanha de solidariedade ao povo libanês. **Rosanita Campos — Diretora da Federação das Mulheres Paulistas.**

AGRESSÃO

Parece uma agressão muito grande às liberdades dos povos palestino e libanês. A existência de um campo de concentração como esse fere os princípios da liberdade dos povos e me parece uma forma que o imperialismo e o Estado sionista de Israel encontraram para poder controlar a luta dos povos palestino e libanês por sua liberdade, pela existência de uma pátria livre, sem nenhuma pressão, e que sirva aos interesses de seus povos.

Nós, aproveitando a data dos massacres de Sabra e Chatila, estamos preparando uma semana internacional de solidariedade aos povos do mundo inteiro. O ponto culminante dessa solidariedade são exatamente os povos palestino e libanês.

Lauro Pedro
Presidente da UEE de Alagoas

INJUSTIÇA

Na minha opinião, enquanto não for encontrada uma solução que encerre definitivamente a constante injustiça e o sofrimento que vêm sendo impostos ao povo palestino, o mundo, por omissão ou comprometimento, terá de enfrentar mais uma mancha indelével na história da humanidade. Nestes limites se insere o Campo de Concentração de Ansar.

Chico Botelho — Cineasta

ODIOSOS

Em relação ao Campo de Concentração de Ansar, nós só podemos ter uma posição, que é a de repúdio total a essa barbárie praticada pelos irmãos judeus contra os irmãos palestinos. Nós temos que recordar aos judeus todas as atrocidades que eles sofreram durante a guerra e pedir a eles que, recordando-se desses fatos odiosos, deixem de praticar também contra outros irmãos estas atitudes de total selvageria e barbárie.

Toda e qualquer violência deve ser condenada e, fundamentalmente, as atrocidades que são praticadas, como o internamento em campos de concentração e torturas em qualquer ser humano. Mormente numa situação de incerteza e insegurança que o mundo atravessa, devemos todos propugnar para que seja estabelecida uma paz de fato entre todos os homens. A humanidade precisa de paz para poder sobreviver, precisa de concórdia e cooperação entre os povos.

Wladimir Righetto

Presidente da Associação e Centro de Estudos de Pequenas e Médias Empresas da 5ª Região — Campinas

GENOCÍDIO

Qualquer tipo de campo de concentração, em termos mundiais, tem a nossa posição contrária. Seja campo de concentração para a opressão do povo palestino ou contra qualquer outro povo, deve receber o nosso repúdio de imediato.

Para que não ocorram mais genocídios é necessário um posicionamento de solidariedade mundial no sentido de estabelecer pressão. É impraticável que num final de século nós vejamos povos oprimidos sendo colocados em campos de concentração e inclusive acredito que uma boa parte da comunidade judaica desconheça e não queira isso. Eles também sofreram tragicamente na 2ª Guerra Mundial e todos nós somos contra os nazistas e fascistas, não só porque quase esfacelaram o mundo com a guerra, mas também pelas torturas infringidas ao povo judeu.

Acho que as informações devem ser difundidas para a imprensa. É necessário que haja divulgação e que sejam discutidas, como foram na Câmara Municipal.

Edson Simões — Vereador do PMDB — S.P.

VIOLÊNCIA

Antes de mais nada, eu gostaria de dizer que nenhum ser humano deve ser favorável à violência, especialmente a esse tipo de violência que se instaurou no Líbano de alguns anos para cá. Se nós voltamos um pouco atrás, vamos ver que houve um massacre muito grande de palestinos e libaneses, praticado pelo Exército israelense e seus colaboradores, como o Exército americano do senhor Reagan.

Então, nós não podemos, de maneira nenhuma, estar de acordo nem apoiar um tipo de violência que lembra a barbárie praticada pelos nazistas contra os judeus.

E hoje o que se vê pela prática dos sionistas que invadem países como o Líbano, com uma filosofia de falsa liberdade, nada mais é do que a repetição da história. Parece que é um troco que os judeus estão dando, os sionistas especialmente, ao massacre de que eles foram vítimas na Segunda Guerra Mundial.

Não podemos entender como um povo sofrido e massacrado, como foi o povo israelense, hoje volte a sua ira para destruir uma nação, o povo palestino e o povo libanês. Não podemos entender como um povo tão altaneiro e tão bravo como o povo israelense se dê a esse tipo de barbárie que chega até à formação de um campo de concentração.

Por outro lado, sendo a nossa entidade de caráter democrático, nós somos aliados eternos da liberdade e da razão. Nesse sentido, temos que estar sempre solidários com os povos oprimidos e violentados, como é o caso do povo palestino que luta bravamente para conseguir sua pátria de volta. Assim, nos colocamos à disposição nesta luta de solidariedade aos palestinos e libaneses.

Joel Alves de Oliveira

Presidente do Sindicato dos Marceneiros do Estado de São Paulo

EXTERMÍNIO

A posição das mulheres brasileiras que estão comprometidas com a luta dos trabalhadores brasileiros, comprometidas em apoiar e solidarizar-se com todos os movimentos de libertação, é, particularmente, contra a política de extermínio que está sendo levada a cabo no Campo de Concentração de Ansar, no sul do Líbano.

Diante disso, apoiamos todas as iniciativas, principalmente a formação desse comitê de solidariedade que se inicia agora no Brasil.

Maria do Carmo Sales Barbosa Lima
Ex-presidente do Centro da Mulher Brasileira,
Ex-diretora do Movimento de Mães pelos Direitos Humanos, Fundadora do Pró-Mulher e da Frente de Mulheres Feministas



Eureka S/A
INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE BORRACHA

INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE

**BORRACHA REGENERADA -
PLACAS MICROPOROSAS**

Tels: 443-3022 — 443-3114 —

443-3296 — PBX

Rua dos Escudeiros, 128

— PIRAPORINHA-SBC-CP-391 —

End. Telegráfico "Muhidin"

FENICIA MAGAZINE**O LOJÃO DA ZONA LESTE**

Visite nossa secção de cozinhas planejadas
Temos secção completa de móveis infantis
Na FENICIA o plano quem faz é você

Matriz — Av. Cons. Carrão, 3410 - V. Carrão

Filial 1 — Av. Mateo Bei, 2701 - S. Mateus

Filial 2 — Av. Dr. Eduardo Cotching, 2129 - V. Formosa

Filial 3 — Av. Baroneza de Muritiba, 4501 - P. S. Rafael

Atenção Noivos - Guardamos os seus móveis

SIONISTAS E TURCOS UNEM-SE PARA CHACINAR ARMÊNIOS

Por F. Katchaturian (Paris)

Doutor em História, o professor John Kirakosian é o autor dos trabalhos **A Primeira Guerra Mundial e os Armênios Ocidentais** e **A Diplomacia Internacional e a Armênia nos Anos 80-90 do Século XIX**, em dois volumes. Ele descobre novas páginas da história moderna de nosso povo, numa recompilação valiosa de documentos diplomáticos originais, publicados sob sua redação e prefácio em 1972. E agora a Editora Hayastán lança o primeiro livro da monografia **Os Jovens Turcos Ante o Tribunal da História**, deste eminente historiador, abrangendo desde 1890 até 1914. Especificamente sobre estes anos e este assunto há uma vasta bibliografia tanto em armênio como em outros idiomas estrangeiros, mas o livro de J. Kirakosian se destaca por sua interpretação marxista-leninista dos fatos.

No primeiro capítulo deste trabalho, podem-se conhecer as premissas históricas do aparecimento do movimento dos Jovens Turcos. Isso ocorreu no final do século XIX, período governado por um sultão sanguinário, "anos de miséria, agonia e desespero..." (J. Brais). Foi também o auge do movimento de libertação nacional armênio de guerrilhas e da ativação de organizações políticas nacionais.

Com detalhes, J. Kirakosian esclarece as posições políticas das grandes potências no final do século passado sobre a Questão Armênia. Baseando-se em novos documentos, o autor traz à tona definições precisas de que "a questão oriental realmente foi ocidental e naturalmente não podia ser resolvida de outra maneira, já que, na realidade, tudo não passava de promessas, enganos, truques e sorrisos diplomáticos, dos quais se vislumbravam interesses egoístas das grandes potências alheias às desgraças do povo armênio".

Em defesa dos armênios

Com relação à defesa da Causa Armênia, o historiador rende homenagem a personalidades humanistas e a correntes sócio-políticas da época que apoiaram o povo armênio massacrado, tanto com palavras como com ações, como a social-democracia, a imprensa bolchevique e grandes humanistas como Jean Jaures, Y. Lepsius, Yu Veselovski, M. Gorki, entre outros.

O historiador cita a conhecida opinião leninista, segundo a qual a revolução dos Jovens Turcos foi protagonizada por uma elite governante que não resolveu nenhum problema sócio-econômico e político, e de que esta "revolução era inimiga da luta proletária que se iniciava no Império Otomano". Por conseguinte, "na revolução dos Jovens Turcos não havia espírito revolucionário nem democrático".

Ao demonstrar que a chacina dos Jovens Turcos nada teve a ver com uma verdadeira revolução, J. Kirakosian se apóia em fontes armênias e estrangeiras, além de novos documentos que revelam como os "Jovens Turcos invadiam a Ásia Central Russa com seus agentes pan-turquistas que, disfarçados de viajantes, comerciantes e sheiks, procuravam entrar em contato com as forças anti-russas e prepará-las para servir aos ideais do pan-turquismo e pan-islamismo". Um dos líderes dos Jovens Turcos, Enver, mais tarde cumpriu a mesma "missão" na Ásia Central Soviética, onde, em 1922, foi morto durante as lutas com o Exército Vermelho.

Com toda razão, J. Kirakosian refuta a opinião de alguns autores de que, durante o governo dos Jovens Turcos, o turquismo era expressão do nacionalismo burguês das nações oprimidas. Tal enfoque, sem dúvida, é um erro profundo ou, então, substituição premeditada dos fatos reais. A realidade é que, antes de mais nada, esse movimento estava dirigido contra a luta de libertação nacional das nações e povos oprimidos pelos próprios turcos. Afinal, poderia ser progressista o nacionalismo de uma nação que subjugou a outros países e povos, como a Síria, Trácia Oriental, Armênia Ocidental, Iraque, Arábia, Palestina e outros? Segundo a historiadora russa A. Tveritnova, os pan-turquistas pretendiam iniciar uma "nova época de Gengis Khan", apoderando-se do território de Baikal até a Mongólia, Kazan, dos montes da Escandinávia até o Oceano Glacial Ártico e a meseta do Tibete.

Contra os armênios, gregos, curdos...

J. Kirakosian refere-se também ao ponto de vista de A. Toynby, segundo o qual a causa da deportação e eliminação de armênios e assírios era que a Turquia queria a sua população nessas regiões fronteiriças, a fim de manter contatos com os muçulmanos do Oriente.

No livro há também várias referências a calamidades sofridas por gregos, curdos, entre outras nações e pequenas etnias.

O principal valor do trabalho de John Kirakosian é bem maior do que um estudo e uma imagem documental de um período bem determinado, mas é também uma reapreciação de acontecimentos históricos que, de certa maneira, não tiveram soluções definitivas. Neste novo trabalho, o autor baseia-se em vários documentos recém-descobertos, como também na experiência do desenvolvimento histórico posterior, para estabelecer um paralelo entre o pan-turquismo, sionismo e fascismo.

Sionistas

no massacre de Adana

O professor Kirakosian prova que, a partir de 1890, na política de extermínio dos armênios, levada a cabo pelo sultão Hamid, os sionistas também desempenharam o seu papel. Antes de mais nada, o pai do sionismo, Herzl, tratou de se aproveitar da Questão Armênia em benefício do movimento que ele próprio encabeçava, ou seja, o sionismo. A ação dos sionistas prossegue mesmo depois de Herzl, nas mãos de um anti-russo fervoroso, Vamberg, agente do serviço de inteligência inglês, o qual, em seus relatórios secretos recentemente descobertos, afirma que "a liberdade potencial da Armênia não era mais do que uma expansão da Rússia" e que "a criação de uma província armênia está caracterizada como um golpe prejudicial aos interesses vitais da Inglaterra".

A burguesia judaica na Turquia não admitia oposição; assim, na política antiarmênia, os sionistas tiveram muita influência. Entre as ações antiarmênias do sionismo pode-se mencionar, em particular, sua participação direta no massacre de Adana.

Vale a pena ressaltar que, com o passar do tempo, os movimentos sionista e pan-turquista mudaram pouco em sua essência. Hoje em dia, eles ainda mantêm uma ideologia bélica e imperialista contra o socialismo, a democracia e a paz. Impregnados das idéias do sionismo, os agressores israelenses levam a cabo uma política de genocídio contra o povo árabe na Palestina. Enquanto isso, os governantes da Turquia, que são a sustentação da OTAN, assumiram o infame papel de herdeiros e guardiães da tradição do genocídio realizado pelos Jovens Turcos, tratando de refutar os fatos históricos, evitando assim uma responsabilidade político-moral.

Potências: de olho no futuro

O livro de J. Kirakosian relata que os "estrategistas" da OTAN consideram a margem esquerda do Araks como um perfeito cenário de guerra futura, sendo que os círculos mais reacionários dos Estados Unidos e da Inglaterra nunca deixam de louvar os turcos e de incutir-lhes propaganda contra a União Soviética.

O capítulo V do trabalho **Os Armênios Ocidentais Sob o Domínio dos Jovens Turcos** aborda as principais questões políticas do período em que os Jovens Turcos governaram, tais como o desenvolvimento da Questão Armênia relacionado com o massacre de Adana, com as Guerras Balcânicas e a Primeira Guerra Mundial.

O papel primordial na causa, segundo este trabalho, era o de instigar e tornar grave a tendência antiarmênia das massas enfurecidas pelos Jovens Turcos. Estava bem claro que essa tendência estava ligada a fatores econômicos e políticos, como o avanço econômico e cultural do povo armênio e a orientação pró-russa que este povo recebia.

O autor demonstra ainda que, no Império Otomano, reinado de obscurantismo, a única esperança e luz para a salvação do povo armênio, que vivia uma luta desigual, estava na Rússia. O último capítulo de seu trabalho está dedicado aos partidos nacionais armênios durante o governo dos Jovens Turcos. Segundo o autor, a atmosfera era variável e enganosa quanto à forma de atuar, sem uma ideologia nacional, além de faltar conhecimento e experiência diplomática como Estado. "Sem dúvida, a situação mais difícil era a das forças políticas que aspiravam dirigir o destino dos armênios ocidentais...", cujos planos e ações concretas careciam de clareza de objetivos e determinação. Isto, inclusive, se complicava ainda mais quando, na luta contra as organizações políticas armênias, o **Ittihat** empregava funcionários governamentais de origem armênia, cuja atividade infame foi prejudicial na autodefesa.

Acentuou-se, assim, a necessidade de se criar uma frente nacional que, para desgraça desse povo sofrido, não se concretizou. Ao contrário, os **dashnaktes** optaram pelo jogo da adulação com os Jovens Turcos e os valentes guerreiros renderam suas armas de antemão. O prejuízo que a Causa Armênia teve com os vínculos entre a **Ittihat** e os **dashaktsutiun** foi condenado por Andranik, Arshak, Chopanián e Paramaz, entre outros.

CNBB DENUNCIA: "SEITAS ESTÃO A SERVIÇO DOS EUA"

A CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — divulgou uma nota onde apóia e endossa as denúncias feitas pela Missão Evangélica da França sobre a proliferação de seitas em nosso continente financiadas pelos Estados Unidos, com o objetivo de transmitir ideologia e cultura alheias à nossa realidade.

Ainda, segundo esse documento, essas seitas estrangeiras desenvolvem "uma espiritualidade que leva ao imobilismo social, favorecendo aos poderes estabelecidos e interesses de uma minoria privilegiada".

A CNBB diz também em sua nota que "estes grupos são violentamente anticatólicos" e de que essas entidades estão a serviço dos interesses dos Estados Unidos nos países da América Latina. A nota mostra também a preocupação da CNBB com a proliferação dessas seitas no Brasil, pois, segundo ela, o número tem aumentado a cada ano que passa.

CHILE: OPOSIÇÃO AVANÇA

Dezenas de mortos, centenas de feridos e milhares de detidos. A Quarta Jornada Nacional de Protesto no Chile ainda era uma triste recordação. Mas a luta tinha que continuar. Para isso, a Proden, uma frente de vários partidos de oposição, programava mais uma Jornada Nacional de Protesto.

Um dia antes, o governo chileno tentava intimidar os manifestantes, ao apresentar de uma só vez cinco corpos como os dos autores de um atentado, que se realizara alguns dias antes contra um graduado comandante militar. Esperava-se o pior, pois o governo como sempre falava em "reprimir com violência aos manifestantes".

A intransigência de Pinochet e seu falido programa de governo unem cada vez mais os chilenos em torno desses protestos. A manifestação desta vez foi mais ampla. Não durou apenas um dia, mas sim cinco, para coincidir com as "comemorações" do 10º aniversário do golpe de Estado que levou ao poder o general Pinochet. Nesse dia, de um lado, desfiles militares, e, do outro, marchas de protesto. De um lado um discurso que prometia a volta à democracia para 1989 e do outro lado gritos que pedem democracia já e agora.

As manifestações contrárias a Pinochet desta vez não só ocorreram no Chile. Ocorreram protestos em Paris, Estocolmo, Londres e Roma, além de uma concentração de 150 mil pessoas em Madrid promovida pelo Partido Socialista Espanhol e que contou com a presença de Isabel Allende, a filha do ex-presidente chileno.

No Rio de Janeiro, houve uma concentração em frente ao consulado chileno e em São Paulo foi rezada uma missa na Catedral Metropolitana da Sé. A oposição avança, mas o governo não recua. A ditadura balança, mas ainda não cai.

EM SÃO PAULO

Na segunda-feira da semana passada (11/9), realizou-se, na Catedral da Sé, ato litúrgico em repúdio aos 10 anos da ditadura do general Augusto Pinochet. Compareceram ao ato mais de 3.000 pessoas, entre elas vários parlamentares, numa demonstração da cada vez mais crescente oposição ao regime de Augusto Pinochet no Chile. Publicamos a seguir a "Carta Aberta dos Chilenos do Brasil", distribuída na ocasião.

"O povo chileno hoje sofre as conseqüências da política imposta pelo golpe militar, responsável pela derrubada do presidente eleito pelo povo, Salvador Allende.

"Dez anos atrás, a 11 de setembro de 1973, o povo

trabalhador sofreu um dos maiores golpes aprofundados pela repressão do ditador Augusto Pinochet. O modelo econômico adotado pelo regime tem feito sofrer a maioria do povo chileno com sua política de arrocho salarial que congela os salários desde 1981; entre outros dados, 21% dos trabalhadores estão subsistindo com o desemprego, 15% da população ativa do país estão sendo mantidos pelo governo com subsídios do programa de emprego mínimo, que humilha o trabalhador com um salário de fome que não consegue pagar nem mesmo água e luz.

"A dívida externa do Chile está em torno de 20 bilhões de dólares, é a mais elevada do mundo de acordo com a população. Cada chileno hoje já nasce devendo 15 000 dólares! Neste momento o povo se levanta contra a fome e a ditadura que têm levado o país à miséria. Causas que levam o povo chileno a um clima de degradação social, expressado na delinqüência, prostituição e destruição de lares de famílias humildes.

"Apesar de toda a repressão, o povo ainda resiste com greves e manifestações a nível nacional. A opinião pública internacional tem denunciado as prisões, torturas e ameaças por parte do regime ditatorial.

Conclamamos todos a se solidarizarem com as lutas nesta hora decisiva.

AVIÃO SUL-COREANO: PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

O furor dos primeiros dias vai passando. Agora, sem histeria, com menos emoção e mais razão, o caso do Jumbo sul-coreano abatido por um míssil quando invadiu o espaço aéreo soviético vai tomando outro rumo.

Nos primeiros dias, os soviéticos eram chamados, entre outros adjetivos, de bárbaros e cruéis assassinos. O avião era sul-coreano, mas os protestos maiores partiam dos Estados Unidos. Os "aliados" aderiram à campanha e os protestos se multiplicaram por todo o mundo. A Comunidade Econômica Européia só não aplicou sanções contra a União Soviética por causa do veto da Grécia. Ao mesmo tempo inúmeros países e pilotos já estão boicotando os vôos soviéticos, e até a Suíça sai de sua tradicional neutralidade e adere a esse boicote. O mundo volta aos tempos da Guerra Fria e os belicistas tentam tirar o máximo proveito dessa perigosa situação. Ameaça-se a paz mundial. Na guerra da propaganda, Reagan e seus asseclas investem contra Moscou.

Mas a maré começa a mudar, quando os soviéticos saem do silêncio para dar explicações. Mesmo não muito acostumados a tais práticas, convocaram toda a imprensa estrangeira sediada em Moscou para uma entrevista coletiva, onde deram sua versão sobre o caso.

De vilões, os soviéticos passam a vítimas. Estavam sendo espionados por um avião comercial. Mostraram em um mapa a tortuosa e irregular rota do Jumbo, um avião que não invadia cinco metros do espaço aéreo soviético, mas sim 500 km, não por dois minutos, mas sim por mais de duas horas. Tudo muito estranho.

As contradições agora não ficam mais por conta de quem atirou no avião, mas sim de quem invadiu o espaço aéreo, de quem fez propaganda em cima de seres humanos utilizados como verdadeiras cobaias pelos fabricantes da guerra e da morte.

O que o Jumbo da Kal fazia tão distante de sua rota normal e em espaço aéreo alheio? O que fazia ali próximo um avião norte-americano? Por que os Estados Unidos só reconheceram nestes últimos dias que os soviéticos deram tiros de aviso antes de abater o Jumbo?

São dúvidas e contradições que ganham corpo com o passar dos dias. A elas podemos somar as maiores dúvidas entre todas. Primeiro, se os japoneses e seu sofisticado sistema de espionagem

gravaram os diálogos entre o piloto soviético e seu comando, é óbvio que eles também têm gravado os diálogos do piloto sul-coreano. Então, por que não tornam pública essa gravação? Por que só tocam um lado do disco?

Segundo, ao ouvirem e gravarem esses diálogos, os japoneses acompanharam a trajetória do avião sul-coreano minuto a minuto. Então, por que não entraram em contato com o piloto sul-coreano e não lhe avisaram do perigo que corria? Para isso, tiveram duas horas e meia. Tempo, aliás, que a União Soviética levou para acionar o míssil que acabou com a vida de 269 inocentes, usados como simples pedras num jogo de interesses.

POVO DA NICARÁGUA ESCORRAÇA SOMOZISTAS

O povo da Nicarágua em várias frentes contra os ex-guardas somozistas e os mercenários comandados por Eden Pastora, o comandante Zero. De batalhas nas fronteiras norte e sul do país, o povo nicaraguense viu sua capital ameaçada, quando aviões da Arde, Aliança Revolucionária Democrática, comandada por Pastora, realizaram incursões e jogaram bombas sobre Manágua.

Nessa primeira ação aérea, um simples avião bimotor Cesna jogou quatro bombas sobre o Aeroporto Internacional de Manágua, antes de ser derrubado pela Força Aérea nicaraguense. Ao mesmo tempo, um segundo avião lançou várias bombas nas proximidades da casa do chanceler Miguel D'Escoto que encontrava-se no Panamá discutindo com o Grupo Contadora uma solução pacífica para o conflito da América Central. Esse avião conseguiu fugir para a Costa Rica, sem ser interceptado pelos nicaraguenses.

No dia seguinte, dois aviões de treinamento T-38 bombardearam Puerto Corinto, o principal porto nicaraguense e onde estão localizados grandes depósitos de combustível.

Em um comunicado do Ministério da Defesa, o governo sandinista anunciou que os ataques ao solo nicaraguense continuavam e que, no último ataque, um avião tinha sido derrubado no sul do país e de que outros três pequenos aviões tinha sido repelidos pela Força Aérea.

Enquanto isso, os sandinistas pedem explicações a seus vizinhos, de onde estão partindo os ataques aéreos. A Costa Rica se mantém em silêncio. Honduras desmente que o ataque ao porto de Corinto tenha partido de seu território.

Em uma nota oficial, o coordenador da Junta de Governo nicaraguense, o comandante Daniel Ortega acusa a CIA de fazer uso do território da Costa Rica para agredir a Nicarágua. Os Estados Unidos dizem que não receberam um protesto formal do governo de Manágua, mas sim através de agências de notícias.

De Washington vêm apenas algumas sílabas, por intermédio de Alan Romberg, o porta-voz do Departamento de Estado norte-americano. São elas: "Os Estados Unidos lamentam o perigo para a vida de civis inocentes".

Mas isso é apenas fachada, pois, na realidade, a Casa Branca está passando das palavras para a ação. Reagan está intensificando sua luta contra os sandinistas em todos os campos. Alguns funcionários mais graduados do governo norte-americano já usam, por exemplo, expressões como: "Os sandinistas não serão tolerados". Os ataques ao povo nicaraguense se repetem.

75 CAÇAS F-16 PARA ISRAEL CONTINUAR MATANDO

O porta-voz do Ministério da Guerra sionista informou que em 20 de agosto último foi fechado um contrato em Washington para a compra de 75 caças F-16. O valor do contrato é de 12 bilhões e setecentos milhões de dólares e a entrega será completada dentro dos próximos três anos.

TRÊS MIL PESSOAS REZAM

ATO ECUMÊNICO NA CATEDRAL DA SÉ

O Ato Ecumênico em Memória das Vítimas da Invasão do Líbano, realizado na Catedral Metropolitana da Sé, em São Paulo, no último dia 17, data do primeiro aniversário dos massacres de Sabra e Chatila, promovido pelo jornal **Jerusalém**, contou com a presença de 3000 pessoas. Nem a forte chuva que caía naquela tarde, em São Paulo, impediu que as pessoas comparecessem a este ato e hipotecassem a sua solidariedade.

Do lado de fora da Catedral, entidades e personalidades pediam maiores informações sobre a campanha que o **Jerusalém** está fazendo pelo fechamento do Campo de Concentração de Ansar, no sul do Líbano, ocupado por Israel. Todos faziam questão de manifestar o seu repúdio e falar da importância do ato. Para o vereador Joaquim de Moraes, do **PT** de São Caetano do Sul, "e através de um ato como este que as forças democráticas demonstram a sua repulsa à violência para que massacres não venham a ocorrer novamente".

Já o deputado estadual Fernando Silveira, do **PTB** de São Paulo, afirmava que "um ato como este deve se repetir em todos os países, porque representa a paz pelo mundo. Este ato ecumênico deve ser prestigiado, pois só com a mobilização de todos os seres dessa terra é que poderemos fechar esse campo".

Para Mohamad Assi, da Associação símica do Brasil, "este ato, muito importante para a humanidade, será uma lembrança para sempre". Elisa Branco Batista, representante de Luís Carlos Prestes, ex-secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, afirma que "este ato é muito importante, porque mesmo distante e depois de um ano, sentimos muito os massacres de Sabra e Chatila e mandamos nossas saudações a esse povo".

"Eu daria a minha vida para fechar esse campo de concentração", disse o vereador Jamil Achôa, do **PMDB** de São Paulo, "pois o homem tem que viver em liberdade, essa liberdade que já nasce com o homem e que deve morrer com o homem".

Já para o vereador Luís Tenório, também do **PMDB** de São Paulo, "este ato representa o sentimento mais alto da humanidade, pois, acima das religiões e das convicções espirituais, o dever de solidariedade humana prevalece. A chacina de Sabra e Chatila efetivamente comove a humanidade e não é por acaso que todas as religiões aqui representadas estão juntas contra a injustiça, contra o massacre e pela paz mundial".

"PELA LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA"

Pouco a pouco as pessoas foram entrando na Catedral. Havia muita expectativa em torno do culto, pois pela primeira vez muitas pessoas estavam se unindo em torno de uma campanha pelo homem e a favor da vida. Já tinham se passado alguns minutos do horário previsto para o início do ato.

Aguardava-se, ainda, a presença do bispo ortodoxo Ignatius Ferzil, que inexplicavelmente não compareceu ao culto e nem enviou representante.

O órgão da Catedral parou de tocar quando os religiosos chegaram ao altar. Todos estavam de pé e o silêncio era total. Em cada mente, em cada coração, lembranças da guerra, cenas de violência e de sangue derramado. Consternação...silêncio total. Um silêncio que valia por mil palavras.



Dom Angélico Sândalo, bispo da Zona Leste de São Paulo, toma a palavra e agradece a presença de todos. Em seguida, é lido para o público um texto que explica o sentido do culto. Numa das últimas filas, uma jovem estudante de nome Márcia Sarras repete em voz alta as palavras finais do documento: "Pela liberdade de consciência...Pela liberdade de consciência". Ela encontra-se visivelmente emocionada e prefere não conversar com ninguém...

Em seguida, Dom Angélico pede que seja lida uma mensagem da Bíblia (Isaías, capítulo 58, versículos de 1 a 8). Durante a leitura, a atenção por parte do público parece aumentar. No fim, o silêncio sugere meditação. Dom Angélico, o primeiro orador entre os religiosos, parece entender aquele silêncio e aguarda alguns segundos antes de iniciar o seu pronunciamento. Em suas primeiras palavras, o bispo relembra o culto feito naquela mesma Catedral em memória do jornalista Vladimir Herzog. "Naquela época", diz ele, "este templo abriu suas portas à prece e esperança no destino por um homem esmagado, e agora aqui nos congregamos mais uma vez para trazer para este templo uma prece para os corpos esmagados de crianças, mulheres e homens que ontem foram massacrados em Sabra e Chatila e que hoje são massacrados em Ansar". E acrescenta, implorando: "Que cessem todos esses holocaustos, que entendam que somos todos irmãos. O povo palestino é hoje um povo errante, como ontem foram os judeus. Como sangram as veias da humanidade, abertas pelo egoísmo, opressão e impérios que se levantam".

As últimas palavras de Dom Angélico são de esperança. "Nosso Deus decididamente está do lado dos oprimidos. Ele ainda olha pelos que são espoliados. Na verdade, somos todos irmãos, então devem cair as armas e as injustiças, para que a nossa vida esteja decididamente a favor da vida". Ele termina sua mensagem e pede que meditemos sobre suas palavras, enquanto ouvimos um solo de flauta interpretado por Ahmad Tarras. A música é triste e algumas pessoas se comovem. Muitos estão cabisbaixos. Uma senhora de idade, de mãos dadas com uma criança, se ajoelha e parece rezar. Atrás dela, uma outra senhora também se ajoelha.

Ao final desse solo, Oneide Bopsim, da Igreja Evangélica Luterana, inicia sua mensagem e diz

que ocorreram inúmeros massacres em toda a História, mas que, infelizmente, os genocídios de hoje são piores, pois são planejados. "Por trás de tudo isso está o mesmo braço que massacrrou os povos que querem se libertar. Hoje, para falar de paz, precisamos, no mínimo, lutar pela justiça. Como cristãos, como homens criados à imagem de Deus, todas as vezes que se ferem os direitos humanos estamos ferindo ao próprio Deus".

O culto é pela paz e pela vida e, assim, Bopsim termina a sua mensagem citando este trecho da Bíblia: "Bem-aventurados os pacificadores que serão chamados filhos de Deus". Uma mensagem que vai de encontro aos anseios dos que ali se encontram.

UM CANTO DE TRISTEZA E DOR

Enquanto isso, encostado em uma parede, um senhor de idade lembra de seus irmãos que estão em Sidon, no sul do Líbano. "Será que eles estão vivos ainda?", pergunta a algumas pessoas que lhe acompanham. Segundo ele, há meses que não recebe uma carta.

Dom Angélico passa, então, a palavra ao sheik Mahmoud Al Ásfar, da Mesquita do Brasil. Era a primeira vez que um sheik entrava em uma Catedral, aqui no Brasil. Em sua mensagem, ele destaca justamente o fato de estarem todos ali irmanados naquele ato humanitário. Em tom inflamado, ele relembra Sabra e Chatila, ao dizer que coisas como essas não devem acontecer jamais. Diz também que as pessoas que praticam a violência, que trazem a violência no coração, serão castigadas por Deus, através das mãos daqueles que são bons, pois estes têm o dever de tirar essa violência do coração dessas pessoas.

Depois das palavras do sheik, a música se faz presente mais uma vez no culto num canto de tristeza e de dor, interpretado por Mohamad Smaili. O culto, nesse momento, após a mensagem do sheik e nos acordes dessa triste canção, parece que chega a seu ponto de maior emoção. Um grande número de pessoas está com lágrimas em seus olhos. Aquela música parece que as transporta para um estágio de profunda tristeza. Numa das primeiras filas da Catedral, Ahmed Chain, um jovem comerciante de 19 anos de idade, vindo de Jundiáí especialmente para participar do culto, tem suas

PELAS VÍTIMAS DO LÍBANO

Participaram desta cobertura Sandra Nascimento, Al Manduca, Lemeh Smaili e Miguel Angel Prieto.

mãos sobre o rosto e pouco a pouco vai se recolhendo num profundo silêncio e concentração.

O pastor Roberto Themudo Lessa, da Igreja Presbiteriana Independente, toma a palavra e diz que "nós estamos nos lembrando de uma comunidade que está do outro lado do mundo". Ele cita os que sofreram em Sabra e Chatila e os que sofrem agora em Ansar. Mas, segundo ele, há uma esperança para os que sofrem, pois a "presença destes religiosos aqui, de braços dados uns com os outros, é sinal de uma bem-aventurança, pois a paz une os que antes estavam separados". Para ele, o Pai nosso tem um amor redobrado por aqueles que estão em Ansar. "Embora tudo pareça negro e sombrio, o nosso Deus é o Deus da esperança, pois Deus é minha fortaleza."

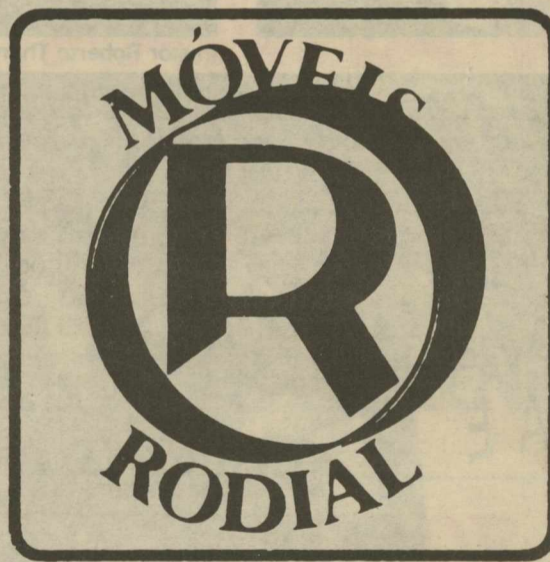
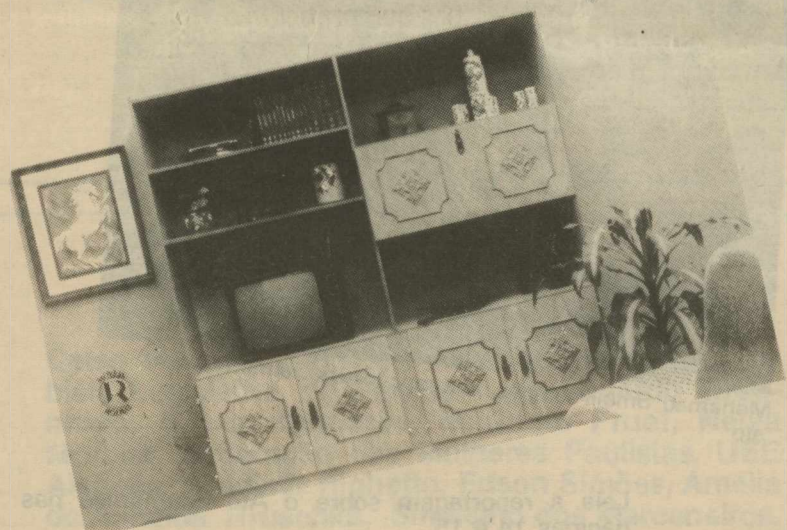
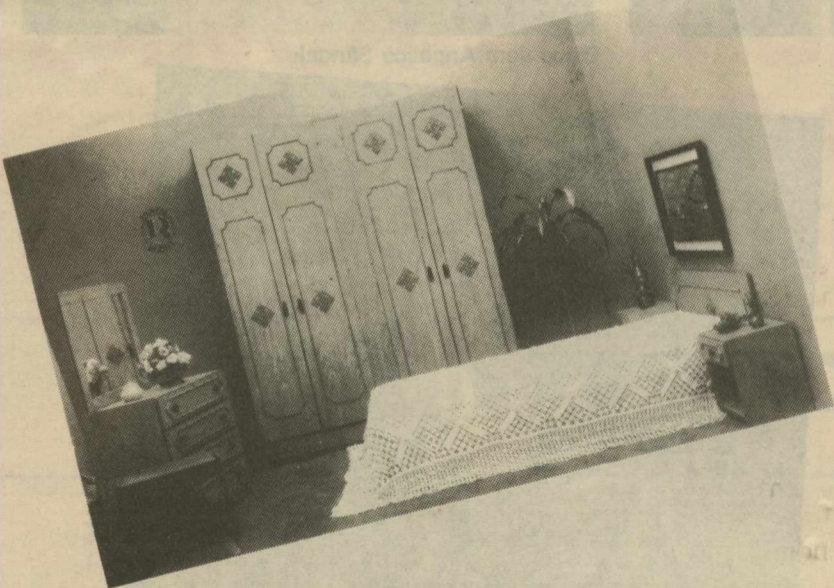
No final, muita esperança em sua mensagem e um convite à ação. "Orem, meus irmãos, temos que orar e trabalhar para que não ocorram novos massacres como o de Sabra e Chatila, pois a nossa voz é forte; é a voz da Igreja, que está a favor de todos os homens. Vamos orar muito por nossos irmãos do Líbano."

Dom Angélico Sândalo volta a tomar a palavra para encerrar o culto. Em suas palavras, um novo convite à reflexão e mais esperança. Diz ele: "Porque nossa luta é a favor da vida, nós jamais esqueceremos dos armênios



massacrados, de Hiroshima e Nagazaki, nem dos judeus massacrados em Auschwitz. Nós também jamais nos esqueceremos dos povos massacrados no Leste Europeu, nem do Vietnã e nem dos que estão agora sendo massacrados em El Salvador. Nunca nos esqueceremos de Sabra e Chatila, nunca nos esqueceremos de Ansar". Depois, ele pediu que todos ficassem de pé e orassem com as mesmas palavras com que o filho de Deus se dirigiu ao Pai, ensinando-nos a orar. **Pai nosso que estais no céu...**

No final do culto, todas as religiões se unem nessa prece, numa corrente maior pela paz e pela vida em uma só bênção. Cantando **Caminhando**, de Geraldo Vandré, pouco a pouco as pessoas vão deixando a Catedral. Naquele momento, em cada coração se acendia uma esperança. Todos se irmanam e se unem em defesa do homem. Sabra e Chatila não são esquecidos. Ansar também não será esquecido. A luta é pela vida, a luta é por nosso semelhante. A luta é pelo homem.



UM NOME NACIONAL EM MÓVEIS

Amigo Lojista, para melhor adquirir Dormitórios e Estantes

Procure seu representante.

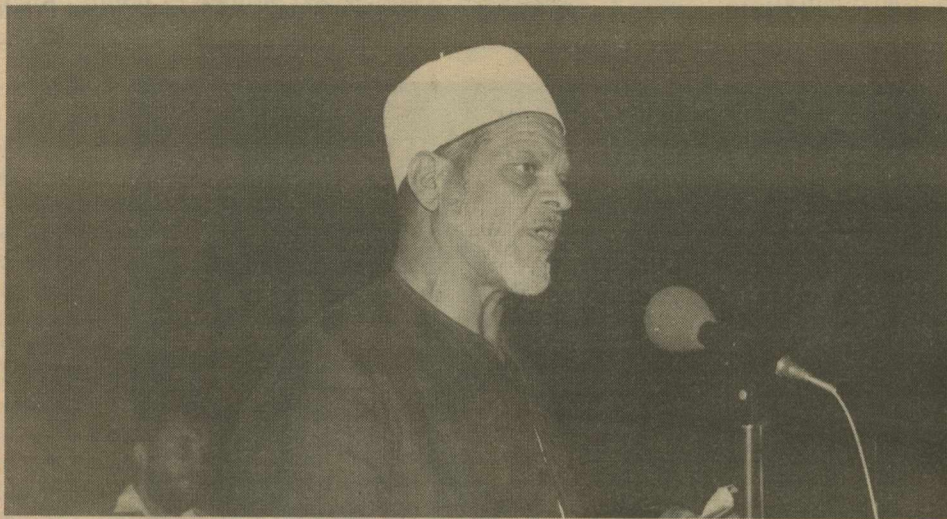
NELI MÓVEIS

RODIAL

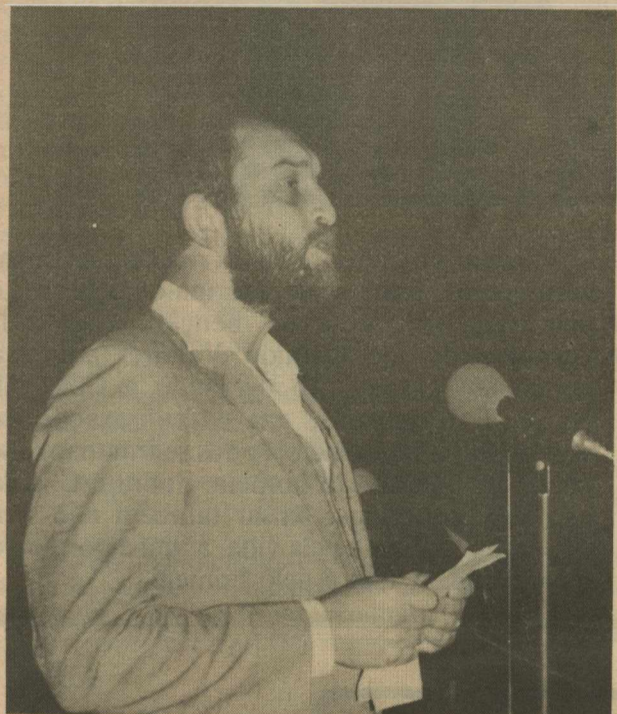
Representação, Comércio, Importação e Exportação Ltda.

R. Ataliba Vieira, 935 - Esq. Av. Nsa. Sra. do Loreto, 658
Fone: 202-0008 - Vila Medeiros - São Paulo

ATO ECUMÊNICO



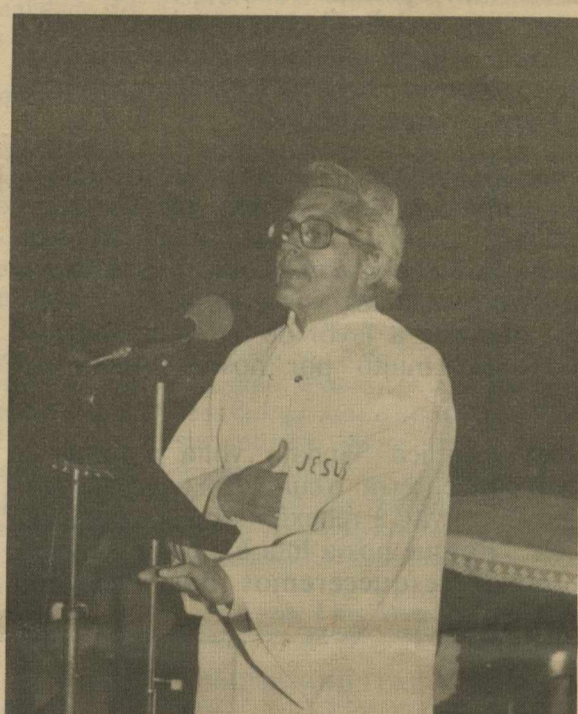
Sheik Mahmoud Al Asfar



Teólogo Oneide Bopsim



Pastor Roberto Themudo Lessa



Bispo dom Angélico Sândalo



Mais de três mil pessoas lotaram a Catedral da Sé, em São Paulo



O flautista Ahmad Tarass



Mohamad Smaili compôs uma canção especialmente para o ato

Leia a reportagem sobre o Ato Ecumênico nas páginas 14 e 15